

J.D.
ROBB

(PSEUDÓNIMO DE NORA ROBERTS)

GLÓRIA
MORTAL



CHÁ DA CINCO
Tantas vezes com o mesmo sentido

Os mortos eram a sua profissão. Vivia com eles, trabalhava com eles, estudava-os. Sonhava com eles. E porque isso não lhe parecia suficiente, num recanto profundo e secreto do seu coração, sofria por eles.

Uma década como polícia havia-a endurecido, dando-lhe um olho clínico, por vezes cínico, em relação à morte e às suas muitas causas. Tornava as cenas, como a que presenciava agora, numa noite chuvosa, numa rua escura cheia de lixo, quase demasiado habituais. Ainda assim, sentia.

O homicídio já não chocava, mas continuava a repelir.

A mulher fora linda outrora. Longas madeixas de cabelo comprido espriadas como raios, no passeio sujo. Os seus olhos, abertos e ainda com a expressão abismada que a morte costumava gravar, eram de um arroxeado escuro, em contraste com as faces brancas, lívidas, e molhadas da chuva.

Vestira um fato caro, da mesma cor sumptuosa que os olhos. O casaco estava muito bem abotoado, ao contrário da saia puxada para cima, que lhe expunha as coxas elegantes. Jóias brilhavam nos dedos, nas orelhas, na lapela lustrosa do casaco. Uma mala de pele com pega dourada encontrava-se caída junto aos seus dedos esticados.

A garganta havia sido rasgada de forma vil.

A tenente Eve Dallas acorrou-se ao lado da morte e estudou-a com atenção. As imagens e os cheiros eram familiares, mas sempre, sempre, havia algo novo. Tanto a vítima quanto o assassino haviam deixado a sua própria marca, o seu próprio estilo e haviam tornado o homicídio pessoal.

O local já havia sido registado. Os sensores da polícia e o toque de intimidade do biombo haviam sido colocados para manter os curiosos afastados, bem como para preservar o local do crime. O tráfego na rua, como era habitual naquela zona, fora desviado. O tráfego aéreo não era abundante àquela hora da noite e não acarretava muita distração. A batida da música do clube de sexo do outro lado da estrada vibrava com intensidade no ar, pontuada pelos urros ocasionais dos noctívagos. As luzes coloridas do letreiro giratório pulsavam no ecrã, lançando cores garridas sobre o corpo da vítima.

Eve podia ter mandado fechar o estabelecimento aquela noite, mas seria um incómodo desnecessário. Mesmo em 2058, com a proibição de armas, apesar de as experiências genéticas muitas vezes fazerem aflorar os

traços hereditários mais violentos antes que tivessem a possibilidade de se manifestar, ocorrera um crime. E acontecia com tal regularidade que os foliões do outro lado da rua ficariam melindrados com um inconveniente insignificante como a morte.

De pé, um agente olhava para a projecção contínua de vídeo e áudio. Junto ao ecrã, dois peritos forenses enfrentavam a chuva implacável, falando de compras e desporto. Nem se haviam dado ao trabalho de olhar para o corpo, nem a tinham reconhecido.

Seria pior, perguntava-se Eve, os olhos endurecidos ao ver a chuva lavar o sangue, quando se conhecia a vítima?

Tivera apenas uma relação profissional com a Procuradora do Ministério Público, a advogada Cicely Towers, mas o bastante para ter formado uma forte opinião de uma mulher forte. *Uma mulher de sucesso, pensava Eve, uma lutadora, que perseguira a justiça de forma incansável.*

Será que essa perseguição a levou ali, àquele bairro miserável?

Com um suspiro, Eve esticou o braço e abriu a mala elegante e cara, para corroborar a sua identificação visual. — Cicely Towers, — disse para o gravador. — Sexo feminino, quarenta e cinco anos, divorciada. Residência vinte e um trinta e dois lado este Oitenta e três, número Sessenta e um B. Sem ocorrência de furto. Vítima ainda apresenta a joalheria. Aproximadamente... — procurou na carteira. — Vinte em notas, cinquenta em vales de crédito, seis cartões de crédito, tudo abandonado no local. Sem indício aparente de luta ou agressão sexual.

Olhou para trás, para a mulher caída no passeio. *Que raio andavas aqui a fazer, Towers? Perguntava-se. Aqui, longe do centro de poder, longe da tua casa cheia de classe?*

E vestida para trabalhar, pensava. Eve conhecia bem a indumentária rigorosa de Cicely, já que a admirara bem no tribunal e na Câmara Municipal. Cores fortes — sempre pronta para as máquinas fotográficas —, acessórios a condizer, sempre com um toque feminino.

Eve levantou-se, esfregando distraída os joelhos molhados das calças de ganga.

— Homicídio, — disse, concisa. — Ponham-na no saco.

Não era surpresa para Eve que os média chegassem ao local do crime e já tivessem montado o cerco, antes de ela chegar ao edifício espelhado, onde Cicely Towers vivera. Vários enviados e jornalistas ávidos haviam acampado no passeio imaculado. A verdade era que eram três da manhã e a chuva a potes não os demovera. Nos seus olhos, Eve via o lobo de garras afiadas. A história era a presa, as audiências o troféu.

Podia ignorar as câmaras que se agitavam na sua direcção, as per-

guntas disparadas como dardos aguçados. Já quase se habituara à perda do anonimato. O caso que investigara e encerrara no último Inverno tinha-a catapultado para a praça pública. O caso, pensava agora ao lançar um olhar gelado a um jornalista que teve o desprazer de lhe bloquear o caminho, e o seu relacionamento com Roarke.

O caso fora um homicídio. Morte violenta, embora excitante, que de pressa passou a ser do interesse público.

Mas Roarke sempre fora notícia.

— O que é que tem de concreto, tenente? Tem algum suspeito? Há um motivo? Pode confirmar que a procuradora Towers foi decapitada?

Eve desacelerou o passo de corrida por breves instantes e varreu com o olhar a corja de jornalistas ensopados, de olhos selvagens. Estava molhada, cansada e revoltada, mas foi cautelosa. Aprendera que se desse aos média algo de si, sabia que a iam espremer, retorcer e pendurá-la do avesso.

— O departamento não faz qualquer comentário nesta altura, só podendo adiantar que está em curso a investigação sobre a morte da procuradora Towers.

— É a responsável por este caso?

— Por agora, — disse, assertiva, e desapareceu entre dois agentes que guardavam a entrada do edifício.

O corredor estava cheio de flores: bancos compridos e filas de botões de flores perfumados e coloridos, que a levavam a pensar na Primavera, nalgum lugar exótico — a ilha onde passara três dias estonteantes com Roarke, enquanto recuperava de um ferimento de bala e da exaustão.

Nem teve tempo para sorrir com a recordação, como faria noutras circunstâncias, mostrando o distintivo e atravessando os mosaicos de terracota, até ao primeiro elevador.

Lá dentro também estavam agentes da autoridade. Dois na secretária da recepção atentos à segurança informatizada, outros que observavam a entrada, e outros ainda junto aos tubos dos elevadores. Era mais força policial do que o necessário, mas a PMP Towers era uma deles.

— O apartamento dela está selado? — indagou Eve ao polícia mais perto de si.

— Sim, senhora. Ninguém entrou ou saiu desde que ligou às duas e dez.

— Quero cópias dos discos de segurança. — Entrou no elevador. — Para começar, das últimas vinte e quatro horas. — Desceu o olhar para o nome na farda dele. — Quero detalhes de seis, porta à porta, desde as sete da manhã, Biggs. Sexagésimo primeiro andar, — ordenou ela, e as portas transparentes do elevador fecharam-se em silêncio.

Saiu para a alcatifa luxuosa do sexagésimo primeiro andar, silencioso

como um museu. Os corredores estreitos, como em todos os edifícios de apartamentos erigidos no último meio século. As paredes ostentavam uma cor creme impecável, com espelhos em intervalos rígidos, para dar a ilusão de espaço.

Espaço não era problema nas unidades, pensava Eve. Só havia três em todo o edifício. Descodificou a combinação da porta do 61-B usando o cartão-chave da Polícia e Segurança, e entrou numa elegância silenciosa.

Cicely Towers tinha-se saído bem, concluiu Eve. E gostava de viver bem. Assim que Eve tirou o vídeo de bolso do estojo de campo e o prendeu ao casaco, começou a perscrutar toda a área. Reconheceu dois quadros de um artista proeminente do século XXI pendurados na parede de tom rosa suave, sobre uma zona de lazer em forma de U, decorada às riscas rosa e verdes. Foi a associação que fez a Roarke que a levou a identificar os quadros, e a fortuna fácil na simplicidade da decoração e das peças seleccionadas.

Quanto é que uma PMP ganha por ano? Perguntava-se, enquanto a câmara registava o local.

Tudo arrumado, de forma meticulosa. Mas também, reflectia Eve, do que conhecia de Towers, a mulher sempre fora meticulosa. Com a roupa, o trabalho, a gestão da sua privacidade.

Por isso, o que é que uma mulher elegante, inteligente e meticulosa andava a fazer num bairro manhoso, a meio de uma noite manhosa?

Eve caminhava pela sala. O chão era de madeira branca e brilhava como um espelho, por baixo de tapetes adoráveis, que ecoavam as cores dominantes da sala. Em cima de uma mesa, em molduras de hologramas viu crianças em várias fases de crescimento, da infância aos anos de faculdade. Um rapaz e uma rapariga, ambos bonitos, ambos cintilantes.

Era estranho, pensava Eve. Trabalhara com Towers em inúmeros casos ao longo dos anos. Sabia se a mulher tinha filhos? Abanando a cabeça, avançou até ao pequeno computador embutido numa estação de trabalho estilizada, ao canto da sala. De novo, usou o cartão-chave para o ligar.

— Lista de compromissos de Cicely Towers, dois de Maio. — Eve apertava os lábios ao ler os dados. Uma hora num *health club* de primeira, antes de um dia cheio no tribunal, seguido de uma reunião às seis com um advogado de defesa de renome, e ainda um compromisso para jantar. Eve ergueu o sobrolho. Jantar com George Hammett.

Roarke tinha assuntos pendentes com Hammett, lembrava-se Eve. Encontrara-o uma ou duas vezes e sabia que era um homem charmoso e matreiro, que ganhava a vida exorbitante que levava no sector dos transportes.

E era o último compromisso do dia de Hammett e Cicely Towers.

— Imprimir, — murmurou e guardou a folha na mala.

A seguir tentou a teleligação, solicitando a listagem de todas as chamadas feitas e recebidas nas últimas quarenta e oito horas. Era provável que tivesse de investigar mais a fundo, mas por agora ordenou um registo das chamadas, guardou o disco e começou uma busca prolongada e minuciosa do apartamento.

Pelas cinco da manhã, os olhos picavam e doía-lhe a cabeça. A única hora que dormira, que conseguira encaixar entre o sexo e o crime, estava a começar a revelar-se.

— Segundo informações seguras, — disse, exausta, para o gravador, — a vítima vivia sozinha. Não há indícios da investigação inicial que revelem o contrário. Não há indícios de que a vítima tenha deixado o apartamento de outra forma que não voluntária, e não há registo de algum compromisso que pudesse explicar o motivo de a vítima viajar até ao local do crime. A responsável protegeu os dados do computador dela e da teleligação, para uma investigação mais profunda. O porta-a-porta irá começar às sete horas e ter-se-á de confiscar os discos de segurança do edifício. A responsável vai deixar a residência da vítima e seguirá caminho para os escritórios da vítima, na Câmara Municipal. Tenente Dallas, Eve. Cinco e oito da manhã.

Eve desligou o áudio e o vídeo, fechando o estojo de campo e saindo.

Passava das dez quando conseguiu voltar para a Central da Polícia. Numa concessão ao próprio estômago vazio, entrou no refeitório, desapontada mas não surpreendida ao descobrir que a maioria das coisas boas, àquela hora, já havia desaparecido. Contentou-se com um queque de soja e o que o refeitório gostava de fazer passar por café. De tão mau que era, engoliu tudo antes de se acomodar no seu gabinete.

E bem a tempo, uma vez que a sua teleligação tocou de imediato.

— Tenente.

Reprimiu um suspiro, ao fitar o rosto largo e de olhos severos de Whitney. — Comandante.

— No meu gabinete, já.

Não teve tempo para fechar a boca, antes de o ecrã se desligar.

Que se lixe, pensou. Esfregou as mãos pelo rosto e, depois, pelo cabelo castanho, curto e desalinhado. Lá se ia a hipótese de ver as mensagens, de ligar a Roarke para lhe dizer o que andava a fazer, ou a sesta de dez minutos com que andava a fantasiar há algum tempo.

Levantou-se de novo, descontraíndo a tensão que se alojara nos ombros. Ainda teve tempo para despir o casaco. O cabedal protegera-lhe a camisa, mas as calças de ganga ainda estavam húmidas. Filosoficamente, ela ignorava o desconforto e reunia os poucos dados que tinha. Se tivesse sorte, podia beber outra chávena de café de polícia no gabinete do comandante.

Eve demorou apenas dez segundos a perceber que o café teria de esperar.

Whitney não estava sentado à secretária, como era seu hábito. Estava de pé, diante da janela na única parede que existia, que lhe dava uma visão pessoal da cidade que servira e protegera durante mais de trinta anos. Tinha as mãos enlaçadas atrás das costas, mas a postura descontraída era contrariada pela brancura dos nós dos dedos.

Eve estudou por instantes os ombros largos, o cabelo grisalho escuro e as costas largas do homem que apenas meses antes recusara o cargo de chefe, para se manter ali, no comando.

— Comandante.

— Já parou de chover.

Ela franziu os olhos, algo confusa, antes de ficarem inexpressivos.
— Sim, senhor.

— No final de contas, é uma boa cidade, Dallas. Daqui de cima, é fácil esquecermo-nos disso, mas até é uma boa cidade. Estou a esforçar-me por me lembrar disso, agora mesmo.

Ela não disse nada, não tinha nada a dizer. Esperou.

— Quis que fosse a responsável neste caso. Tecnicamente, Deblinsky é que devia ter ido, por isso quero saber se acha que ela pode dar chatices.

— Deblinsky é uma boa polícia.

— Pois é. Você é melhor.

Ao subir as sobrancelhas, ficou grata por ele ainda estar de costas para ela. — Agradeço a confiança depositada em mim, comandante.

— Conquistou-a. Passei por cima dos procedimentos para que ficasse no controlo, por motivos pessoais. Preciso do melhor, de alguém que embata no muro e lhe passe por cima.

— Quase todos conhecíamos a PMP Towers, comandante. Não há um polícia em Nova Iorque que não passasse esse muro para encontrar quem a matou.

Ele suspirou e a inalação profunda de ar trespassou-lhe o corpo denso antes de se virar. Ficou mais alguns instantes em silêncio, apenas a estudar a mulher que colocara no comando. Era ilusoriamente magra, mas pelo que sabia, tinha mais resistência do que aparentava, naquele corpo esguio e esculpido.

Agora revelava sinais de fadiga, nas sombras por baixo dos olhos cor de malte, na compleição do rosto ossudo. Não podia deixar que isso o preocupasse, por agora.

— Cicely Towers era amiga pessoal, uma amiga pessoal chegada.

— Estou a ver. — Eve perguntava-se se seria verdade. — Os meus pêsames, comandante.

— Conhecia-a há anos. Começámos juntos, um polícia implacável e uma advogada criminal impaciente. Eu e a minha esposa somos padrinhos do filho dela. — Fez uma pausa, parecendo lutar por se controlar. — Já informei os filhos dela. A minha esposa vai ter com eles. Vão ficar connosco até ao funeral.

Pigarreou, pressionando os lábios. — Cicely era uma das minhas maiores amigas, e acima de todo o respeito e admiração profissional, gostava muito dela. A minha esposa ficou devastada; os filhos de Cicely estão destroçados. A única coisa que lhes consegui dizer foi que ia fazer tudo, tudo o que estivesse ao meu alcance para encontrar a pessoa que lhe fez isto, para lhe dar aquilo por que lutou a vida toda: justiça.

Agora, sentava-se, não com autoridade, mas de cansaço. — Estou a dizer-lhe, Dallas, para que saiba desde já que não tenho qualquer objectividade neste caso. Nenhuma. E sendo assim, estou a contar consigo.

— Agradeço a sua sinceridade, comandante. — Hesitou apenas por instantes. — Como amigo pessoal da vítima, vou ter de o entrevistar assim que possível. — Observou os olhos dele pestanejar e endurecer. — À sua esposa também, comandante. Se for mais cómodo, posso conduzir as entrevistas em sua casa, em vez de aqui.

— Entendo. — Voltou a respirar fundo. — É por isso que é a responsável, Dallas. Não há muitos polícias com a coragem de ir ao que é mais importante, de imediato. Agradecia que aguardasse até amanhã, talvez até mais um ou dois dias, para falar com a minha mulher, e que a visitasse em casa. Eu combino tudo com ela.

— Sim, senhor.

— O que é que descobriu, até agora?

— Fiz o reconhecimento na residência da vítima e nos escritórios. Tenho ficheiros dos casos que ela tinha pendentes e dos que encerrou nos últimos cinco anos. Tenho de cruzar nomes para ver se alguém que ela mandou para a prisão saiu recentemente, as suas famílias e companhias. Em especial, criminosos violentos. A média de condenação dela é muito elevada.

— Cicely era uma leoa no tribunal, e nunca me apercebi que negligenciasse um pormenor. Até agora.

— Porque é que ela apareceu ali, comandante, a meio da noite? Uma autópsia preliminar revela que a hora do óbito foi à uma e dezasseis. É um bairro complicado, cheio de tumultos, assaltos, espeluncas de prostituição. Há um centro de tráfico de químicos bastante conhecido a alguns quarteirões do local onde a encontraram.

— Não sei. Ela era uma mulher cautelosa, mas também era... arrogante. — Esboçou um sorriso. — De forma admirável. Era capaz de se

confrontar com o pior que existe nesta cidade. Mas colocar-se em perigo deliberadamente... não me parece.

— Tinha um caso em tribunal, Fluentes, homicídio qualificado. Estrangulou uma amiga. O advogado dele recorreu a morte passional, mas dizia-se que Towers ia pô-lo atrás das grades. Estou a confirmar se era verdade.

— Está na rua ou enjaulado?

— Na rua. Primeira agressão violenta, a fiança foi muito baixa. Como se trata de um homicídio, pelo menos tinha de usar uma pulseira domiciliária, mas é a mesma coisa que nada, se ele perceber o mínimo de electrónica. Será que ela se encontrou com ele?

— Claro que não. Teria comprometido o caso encontrar-se com um réu fora do tribunal. — Ao pensar em Cicely, ao lembrar-se de Cicely, Whitney abanou a cabeça. — Isso ela não ia arriscar. Mas ele pode ter usado outros meios para a aliciar.

— Como disse, estou a averiguar. Teve um compromisso para jantar ontem à noite com George Hammett. Conhece-o?

— Socialmente. Viam-se de vez em quando. Nada de sério, segundo a minha mulher. Ela estava sempre a tentar encontrar o homem perfeito para Cicely.

— Comandante, é melhor perguntar-lhe já, não oficialmente. Esteve sexualmente envolvido com a vítima?

O músculo da sua face contorceu-se, mas os seus olhos permaneceram calmos. — Não, não estive. Éramos amigos, e essa amizade tinha muito valor. Na verdade, ela era da família. Você não compreende o conceito de família, Dallas.

— Não. — A voz sempre neutra. — Acho que não.

— Peço desculpa. — Fechando os olhos com força, Whitney esfregava as mãos na face. — Foi um comentário escusado, e injusto. E a sua pergunta foi relevante. — Deixou cair as mãos. — Nunca perdeu ninguém que lhe seja próximo, pois não, Dallas?

— Não, que me lembre.

— Ficamos desfeitos, — murmurou ele.

Ela imaginava que sim. Na década que conhecia Whitney, já o vira furioso, impaciente, até friamente cruel. Mas nunca o vira devastado.

Se era isto que a intimidade, e a perda, faziam a um homem forte, Eve imaginava que estava melhor assim. Não tinha família a perder, e apenas laivos vagos e feios da infância. A sua vida de agora começara quando tinha oito anos e a encontraram, maltratada e abandonada, no Texas. Não importava o que havia acontecido antes daquele dia. Convencia-se constantemente que não tinha importância. Tornara-se naquilo que era hoje, na

pessoa que era. Quanto a amizades, tinha poucas, mas preciosas, que acarinhava, em quem confiava. Quanto a algo mais que amizade, havia Roarke. Ele cercara-a até ela lhe dar mais. O suficiente para a assustar em momentos complicados, assustada por saber que ele não ia descansar até conseguir tudo.

Se lhe desse tudo, e o perdesse, ficaria feita em pedaços?

Em vez de matutar nisso, Eve anestesiou-se com café e o que restava de um chocolate que descobrira na secretária. A perspectiva de almoçar era uma fantasia tão alucinada como passar uma semana nos trópicos. Bebia e mastigava, enquanto passava os olhos pelo relatório final da autópsia no monitor.

A hora do óbito mantinha-se como indicado no relatório inicial. A causa, um corte profundo na jugular e consequente perda de sangue e oxigênio. A vítima saboreara uma refeição de frutos do mar e verduras, vinho, café verdadeiro e fruta fresca com natas. Estima-se que a ingestão tenha ocorrido cinco horas antes do óbito.

A resposta fora rápida. Cicely Towers só estava morta há dez minutos quando um taxista, corajoso ou suficientemente desesperado para trabalhar no bairro, avistou o corpo e comunicou. O primeiro carro-patrolha chegou três minutos depois.

O seu assassino agira de forma rápida, pensava Eve. Mas também, era fácil desaparecer num bairro daqueles, enfiar-se num carro, numa porta, num clube. Haveria sangue; a jugular espirrara e esguichara. Mas a chuva de certeza que teria ajudado, lavando-o das mãos do assassino.

Ela teria de passar o bairro a pente fino, fazer perguntas improváveis de receberem alguma resposta viável. Ainda assim, os subornos actuavam onde o procedimento e as ameaças não.

Estudava a fotografia do processo de Cicely Towers com o colar de sangue, quando a teleligação tocou.

— Dallas. Homicídios.

Um rosto surgiu no ecrã, jovem, luminoso e malicioso. — Tenente, tem novidades?

Eve não praguejou, apesar da vontade latente. A opinião que tinha dos jornalistas não era muito boa, mas C. J. Morse conseguia bater no fundo da escala. — Não quer ouvir o que tenho para lhe dizer, Morse.

O seu rosto redondo abriu-se num sorriso. — Vá lá, Dallas, o público tem o direito de saber. Lembra-se?

— Não tenho nada para si.

— Nada? Quer que vá para o ar a dizer que a tenente Eve Dallas, a melhor das melhores de Nova Iorque, saiu de mãos vazias da investigação do homicídio de uma das figuras mais respeitadas, proeminentes e visíveis

da cidade? Podia fazer isso, Dallas, — disse ele, com um estalido da língua. — Podia, mas não lhe ia ficar nada bem.

— E acha que me importo com isso. — O sorriso dela era uma farpa fina e aguçada, o dedo sobre o botão para desligar a ligação. — Achou mal.

— Talvez não a si directamente, mas ia reflectir-se no departamento. — Bateu as pestanas longas e femininas. — No comandante Whitney, por puxar os cordelinhos, e a deixar como responsável neste caso. E também temos as repercussões em Roarke.

O dedo dela contorceu-se, e enrolou-se na palma da mão. — O assassínio de Cicely Towers é uma prioridade do departamento, do comandante Whitney e minha.

— Vou citá-la.

Patifezinho de merda. — E o meu trabalho no departamento não tem nada a ver com Roarke.

— Hei, olhos castanhos, tudo o que a atinja, atinge Roarke agora, ou vice-versa. E sabe bem que o facto de o seu homem manter negócios com a recém-falecida, o ex-marido dela e o actual companheiro faz um embrulho bem bonito.

As mãos dela enrolaram-se em punhos de frustração. — Roarke tem muitos negócios com muita gente. Não sabia que tinha voltado às colunas de mexericos, C. J.

O comentário arrancou-lhe o sorriso falacioso da cara. Não havia nada que C. J. odiasse mais do que lembrarem o seu passado das colunas de mexericos e cor-de-rosa. Especialmente agora que parasitava sem escrúpulos a agenda policial. — Tenho contactos, Dallas.

— Pois, também tem uma borbulha no meio da testa. Se fosse a si, tratava disso. — Com aquele comentário barato, mas prazenteiro, Eve desligou a ligação.

Levantando-se, caminhou pelo pequeno quadrado do seu gabinete, enfiando as mãos nos bolsos, puxando-as para fora outra vez. Raios partam, porque é que o nome de Roarke tinha de aparecer ligado a um caso daqueles? Estaria assim tão envolvido nos negócios de Towers e dos seus associados?

Eve voltou a deixar-se cair na cadeira e franziu o sobrolho para os relatórios sobre a mesa. Teria de descobrir, e depressa.

Pelo menos desta vez, naquele homicídio, sabia que ele tinha um álibi. Na altura em que abriam a garganta de Cicely Towers, Roarke estava na cama com a agente responsável pela investigação.

Eve teria preferido voltar ao apartamento que mantinha, apesar de passar quase todas as noites em casa de Roarke. Ali, podia ter matutado, pensado, dormido e regressado ao último dia de vida de Cicely Towers. Em vez disso, foi para casa de Roarke.

Estava tão cansada que largou os comandos e deixou o programa automático manobrar o carro pelo tráfego de fim de tarde. A primeira coisa em que pensava era em comer, concluiu Eve. Se conseguisse dez minutos só para aclarar as ideias, melhor ainda.

A Primavera decidira despontar e sair para a rua brincar, toda enfeitada. Tentou-se a abrir a janela, ignorar o ruído do tráfego constante, o rumor dos maxibus, a marcha dos pedestres, o deslizar do tráfego aéreo sobre a sua cabeça.

Para evitar os altifalantes dos guias dos aeroplanos turísticos, virou na direcção da Décima avenida. Uma passagem pelo meio da cidade e a curta subida da Park teria sido mais rápido, mas tinha de aguentar a descrição insuportável das atracções de Nova Iorque, a história e a tradição da Broadway, a magnificência dos museus, a variedade de lojas, e a paragem da loja de recordações do aeroplano.

Como a rota do aeroplano passava sobre o seu apartamento, ouvia a lengalenga inúmeras vezes. Não queria saber da conveniência das passeadeiras das pessoas que ligavam as cintilantes lojas da moda à Quinta e à Madison, ou à mais recente passagem aérea do Empire State Building.

Um pequeno engarrafamento na Cinquenta e dois obrigou-a a matutar no painel electrónico, onde um homem e uma mulher lindos trocavam um beijo apaixonado, adoçado, afirmavam eles, sempre que paravam para respirar, pela Pastilha para o Hálito Mountain Stream.

Os seus veículos avançavam quase colados, alguns taxistas gritavam insultos criativos entre si. Um maxibus a transbordar de passageiros abusou da buzina, apenas aumentando o ruído ensurdecedor, que levou os pedestres nas rampas e nos passeios a agitar as cabeças ou os punhos.

Um *hovercraft* de trânsito pairava baixo, gritando a ordem habitual de avançar ou incorrer na multa. O trânsito seguia devagar para a alta da cidade, transbordante de ruído e mau génio.

A cidade mudava, ao passar do seu núcleo para as extremidades, onde os ricos e os privilegiados tinham as suas casas. Ruas mais largas, mais

limpas, o arvoredo dos parques, como ilhéus. Ali, os veículos abrandavam num movimento mais gracioso, e quem andava a pé envergava fatos feitos à medida e sapatos de marca.

Passou por um rapaz que passeava cães, com um casal de pêlo dourado, no passo firme de um dróide programado.

Assim que ela chegou aos portões da propriedade de Roarke, o carro abrandou até o programa o estacionar. As árvores dele estavam em flor. Botões brancos fluíam com os cor-de-rosa, acentuados pelos vermelhos e azuis ricos, tudo sustentado por um tapete de relva cor de esmeralda.

A própria casa erguia-se num céu profundo, o vidro a espelhar o Sol do crepúsculo, a pedra maciça e cinzenta. Já se haviam passado meses, desde que a vira pela primeira vez, mas nunca se habituara à grandiosidade, à sumptuosidade, à fortuna simples e autêntica. Ainda tinha de parar de se perguntar o que fazia ali, naquele sítio, com ele.

Deixou o carro junto aos degraus de granito, e subiu-os. Não ia bater à porta. Fosse por orgulho, fosse por espírito de contradição. O mordomo de Roarke desprezava-a e não fazia questão de o ocultar.

Como esperara, Summerset apareceu no corredor como uma nuvem de fumo negro, o cabelo cor de prata a brilhar, o sobrolho carregado em desaprovação, pronto no seu rosto esguio.

— Tenente. — Os seus olhos perscrutavam-na, para que percebesse que vestia a mesma roupa com que saíra, e que estava sempre bastante amarrotada. — Não estávamos certos da hora a que chegaria ou, na verdade, se tencionava voltar.

— Ai, não? — Encolheu os ombros, e por saber que o ofendia, despiu o casaco de cabedal estreachalhado e depositou-o nas suas mãos elegantes. — Roarke está?

— Está ocupado numa transmissão interespacial.

— O Resort Olympus.

A boca de Summerset franziu como uma ameixa. — Não costumo intrrometer-me nos assuntos de Roarke.

Sabes exactamente o que ele está a fazer, e quando, pensou ela, mas virou-se na direcção do corredor amplo e cintilante, dando a curva para as escadas. — Vou subir. Preciso de tomar um banho. — Atirou-lhe um olhar sobre o ombro. — Pode dizer-lhe onde estou, quando terminar a transmissão.

Subiu até ao quarto principal. Como Roarke, raramente usava os elevadores. Assim que bateu com a porta atrás de si, começou a despir-se, deixando um rasto de botas, calças de ganga, camisa e roupa interior, no caminho até à banheira.

Pediu a água a 38 graus, e depois lembrou-se de atirar alguns sais que

Roarke lhe trouxera de Silas Three. Transformaram-se num mar de espuma verde, que cheirava a bosques de contos de fadas.

Deixou-se rolar na imensa banheira de mármore, e soltou um gemido, ao sentir o calor penetrar nos seus ossos doridos. Inspirando bem fundo, submergiu, e deixou-se ficar a contar trinta segundos, mas quando regressou à tona, soltou um suspiro de puro prazer sensual. Manteve os olhos fechados, à deriva.

Até que ele a encontrou.

A maioria das pessoas diria que ela estava descontraída. Mas naquele momento, pensava Roarke, a maioria das pessoas não conhecia bem e, certamente, que não compreendia Eve Dallas. Ele tinha com ela mais intimidade, uma proximidade com a sua mente e coração, do que alguma vez tivera com outra pessoa. Contudo, ainda havia recantos dela por descobrir.

Ela era sempre uma experiência de aprendizagem fascinante.

Estava nua, mergulhada até ao queixo em água fumegante e espuma perfumada. Tinha o rosto corado do calor, os olhos fechados, mas não estava descontraída. Conseguia ver a tensão na mão que agarrava a borda larga da banheira, na ruga subtil entre as sobrancelhas.

Não, Eve estava a pensar, imaginava ele. E parecia preocupada. A fazer planos. Moveu-se em silêncio, como aprendera ao crescer nos becos de Dublin, pelos esgotos e as ruas pestilentas em qualquer lugar. Ao sentar-se na borda para a observar, por vários minutos ela nem se mexeu. Ele percebeu assim que ela o sentiu, atrás de si.

Abriu os olhos, o castanho-dourado límpido e alerta, ao prenderem-se no azul divertido dos dele. Como sempre, só de o ver o seu âmago deu um pequeno salto. O rosto dele era como um quadro, uma representação em óleos perfeitos de um anjo caído. A beleza pura, emoldurada por todo aquele cabelo negro e farto, era sempre uma surpresa para ela.

Arqueou a sobrancelha e inclinou a cabeça. — Perverso.

— A banheira é minha. — Olhando-a imóvel, deslizou a mão elegante pela espuma, dentro de água, até à curva do seu seio. — Vais ferver aí dentro.

— Gosto quente. Preciso que seja quente.

— Tiveste um dia difícil.

Ele devia saber, pensava ela, tentando não mostrar ressentimento. *Sabedoria*. Limitou-se a mover o ombro quando ele se levantou, para ir até ao bar automatizado, embutido no mosaico. Emitiu um pequeno rumor, ao servir dois copos de vinho em cristal facetado.

Ele deu a volta e sentou-se de novo na borda, passando-lhe um copo. — Não dormiste; não comeste.

— Ossos do ofício. — O vinho sabia a ouro líquido.

— Ainda assim, preocupas-me, tenente.

— Ficas preocupado com facilidade.

— Amo-te.

Deixava-a tonta, ouvi-lo dizer aquilo, num tom de voz amoroso que reportava às brumas irlandesas, sabendo que de alguma forma incrível, era verdade. Como não tinha resposta para lhe dar, fez uma careta para o vinho.

Ele não disse nada, até conseguir ignorar a irritação por ela não responder. — Podes dizer-me o que aconteceu a Cicely Towers?

— Tu conhecia-la, — afirmou Eve.

— Não muito bem. Um mero contacto social, alguns negócios, a maioria através do ex-marido dela. — Provou o vinho, a observar o vapor elevar-se do banho dela. — Achava-a admirável, inteligente e perigosa.

Eve elevou-se até que a água se apartou no alto dos seus seios. — Perigosa? Para ti?

— Não directamente. — Os lábios dele curvaram ligeiramente, antes de levar o vinho até eles. — Para os que tinham práticas iníquas, pequenas e grandes ilegalidades, para a mente criminosas. Nesse aspecto, era muito parecida contigo. Foi uma sorte ter-me redimido.

Eve não tinha bem a certeza disso, mas deixou passar. — Com esses negócios comuns e o mero contacto social, sabes de alguém que a quisesse ver morta?

Voltou a beber, agora com mais profundidade. — Isto é um interrogatório, tenente?

Foi o sorriso na voz dele que provou que estava errada. — Pode ser, — retorquiu ela, breve.

— Como queiras. — Levantou-se, pousando o copo, e começou a desabotoar a camisa.

— O que é que estás a fazer?

— A entrar na água, por assim dizer. — Atirou a camisa para o lado e desabotoou as calças. — Já que vou ser interrogado por uma polícia nua, na minha própria banheira, o mínimo que posso fazer é juntar-me a ela.

— Bolas, Roarke, isto é um homicídio.

Ele vacilou, ao ver-se escaldado pela água quente. — A quem o dizes. — Ficou diante dela, no meio do mar de espuma. — O que é que tenho de tão perverso que te leva a espicaçar-me? E, — prosseguiu, antes de lhe dar a sua curta e vigorosa opinião, — o que se passa contigo, que adoras provocar-me, mesmo quando estás aí sentada com um distintivo invisível preso a esse peito adorável?

Passou a mão por baixo e ao longo do tornozelo dela, da barriga da perna e daquele ponto atrás do joelho que ele sabia ser o seu ponto fraco. — Quero-te, — murmurou. — Agora.

A mão dela amolecera no pé do copo, antes de conseguir mexer-se. — Fala-me de Cicely Towers.

Filosoficamente, Roarke recostou-se. Não fazia intenção de a deixar sair da banheira até terminar, por isso podia cultivar a paciência. — Ela e o ex-marido, e George Hammett, faziam parte de uma das minhas divisões. Mercury, baptizada com o nome do deus da velocidade. Importações e exportações, na sua maioria. Encomendas, entregas, transportes rápidos.

— Sei o que é a Mercury, — disse ela, testando e gerindo a irritação de não saber que se tratava de mais uma das suas empresas.

— Era um negócio mal organizado e na falência, quando a comprei há cerca de dez anos. Marco Angelini, o ex de Cicely, investiu, tal como ela. Na altura, ainda estavam casados, creio eu, ou tinham acabado de se divorciar. Aparentemente, o fim do casamento foi amigável, tanto quanto possível. Hammett também era investidor. Julgo que só se envolveu pessoalmente com Cicely anos mais tarde.

— E esse triângulo, Angelini, Towers, Hammett, também era amigável?

— Era o que parecia. — Discretamente, tocou com o dedo num mo-saico. Quando ele se abriu para revelar um painel oculto, programou a música. Algo lento e emotivo. — Se estás preocupada com a minha participação nisto tudo, só foram negócios, e bem sucedidos, por sinal.

— Até que ponto a Mercury se dedica ao contrabando?

Ele lançou um sorriso luminoso. — Francamente, tenente.

A água foi projectada para a frente, assim que ela se sentou. — Não brinques comigo, Roarke.

— Eve, esse é o meu desejo mais profundo.

Ela cerrou os dentes, batendo na mão que se esgueirava pela sua per-na acima. — Cicely Towers tinha reputação de ser uma procuradora sensata, dedicada, do mais justo que há. Se ela tivesse descoberto que alguns dos esquemas da Mercury driblavam a lei, ia atrás de vocês com ímpeto de vingança.

— Pois, ela descobriu a minha perfídia, e tive de a atrair a um bairro perigoso, onde mandei que a degolassem. — Tinha os olhos nivelados e demasiado doces. — É isso que pensas, tenente?

— Não, bolas, sabes bem que não, mas...

— Os outros podem pensar, — concluiu ele. — O que é capaz de te deixar numa posição delicada.

— Não estou preocupada com isso. — De momento, estava apenas preocupada com ele. — Roarke, preciso de saber. Tens de me contar se há alguma coisa, seja o que for, que te possa envolver na investigação.

— E se houver?

Sentiu-se fria por dentro. — Terei de entregar o caso a outra pessoa.

— Não falámos já acerca disto?

— Não é como o caso DeBlass. Não tem nada a ver. Não és suspeito. — Ao ver que ele arqueava o sobrolho, ela esforçou-se por transparecer bom senso, e não irritação na voz. Porque é que era tudo tão complicado no que dizia respeito a Roarke? — Acho que não tiveste nada a ver com o assassinio de Cicely Towers. Fica mais simples assim?

— Não terminaste o raciocínio.

— Está bem. Sou polícia. Há perguntas que tenho de fazer. Tenho de tas fazer, a quem eu achar que tem uma ligação remota com a vítima. Não posso mudar isso.

— Confias em mim?

— Não tem nada a ver com o facto de confiar em ti.

— Isso não responde à pergunta. — Os seus olhos ficaram frios, longínquos, e ela sabia que dera o passo errado. — Se a esta altura ainda não confias em mim, então a única coisa que existe entre nós não passa de sexo interessante.

— Estás a dar a volta à conversa. — Esforçava-se por permanecer calma, vendo que ele a assustava. — Não te estou a acusar de nada. Se tivesse entrado neste caso sem te conhecer ou gostar de ti, por princípio colocava-te na lista. Mas conheço-te e não é disso que se trata. Raios.

Ela fechou os olhos e esfregou as mãos molhadas pelo rosto. Para ela era terrível explicar os seus sentimentos. — Estou a tentar obter respostas que vão permitir que fiques de fora do assunto o mais possível, porque me importo. E não posso deixar de pensar em maneiras de te usar, por causa da ligação que tens à Towers. E das vossas ligações, ponto final. Para mim, é difícil fazer as duas coisas.

— Não devias ter assim tanta dificuldade em apenas dizer, — murmurou ele, e depois abanou a cabeça. — A Mercury é perfeitamente legítima, agora, porque não há necessidade de o não ser. Funciona bem, faz um lucro considerável. E apesar de poderes pensar que sou arrogante ao me envolver em situações ilegais com uma advogada do Estado no meu conselho de administração, devias saber que não sou estúpido ao ponto de o fazer.

Como acreditava nele, o aperto que trazia no peito durante horas dissipou-se. — Está bem. Mas ainda vão ficar dúvidas, — disse-lhe ela. — E os média já fizeram essa ligação.

— Eu sei. Lamento por isso. Estão a dificultar-te muito a vida?

— Ainda nem sequer começaram. — Num dos seus raros sinais de afecto espontâneo, pegou-lhe na mão e apertou-a. — Também lamento. Parece que estamos metidos noutra.

— Posso ajudar. — Deslizou para a frente, para levar as suas mãos

dadas aos lábios. Quando ela sorriu, percebeu que ela estava, finalmente, pronta para descontraír. — Não tens de me ocultar tudo. Sei lidar com esse problema. E não há necessidade de te sentires culpada ou desconfortável, por pensares que posso ser útil na tua investigação.

— Depois digo-te, se achar que podes ser. — Desta vez, apenas arqueou as sobrancelhas, quando a mão que ele tinha livre serpenteou pela sua coxa. — Se tentares fazer isso aqui, vamos precisar de equipamento de mergulho.

Ele colocou-se ao nível dela, aproximando-se, e a água balouçou perigosamente pela borda da banheira. — Oh, acho que nos conseguimos safar bem sozinhos.

E cobriu o sorriso dela com o dele, para o provar.

Mais tarde nessa noite, quando ela adormeceu a seu lado, Roarke ficou acordado a observar as estrelas girar pela janela do telhado, sobre a cama. Os seus destinos estavam ligados, pessoalmente, profissionalmente. Fora o homicídio que os aproximara, e seria o homicídio que ia continuar a colocar o dedo nas feridas das suas vidas. A mulher a seu lado defendia os mortos.

Tal como Cicely Towers fizera inúmeras vezes, pensava ele, perguntando-se se essa personificação teria sido o preço a pagar com a própria vida.

Fez questão de não se preocupar muito, nem muitas vezes com a escolha profissional de Eve. A carreira dela definia-a. Tinha bastante consciência disso.

Ambos se tinham definido, reinventado do pouco ou nada que haviam sido. Ele era um homem que comprava e vendia, que controlava, e que apreciava o poder que isso lhe dava. E o lucro.

Mas ocorreu-lhe que havia factores do seu negócio que iam causar-lhe problemas a ela, se a verdade viesse à tona. Era verdade que Mercury era legal, mas isso nem sempre fora assim. Tinha mais acções, outros interesses que se moviam em áreas cinzentas. Afinal de contas, crescera nas partes mais negras dessas áreas cinzentas. Tinha queda para elas.

O contrabando, tanto terrestre como interestelar, era uma actividade rentável e divertida. Os vinhos realmente excelentes de Taurus Five, os diamantes azuis das grutas de Refini, a porcelana transparente fabricada na Colónia das Artes de Marte.

Era verdade que já não precisava de driblar a lei para subsistir, e viver bem. Mas os velhos hábitos eram difíceis de quebrar.

O problema mantinha-se: e se ele ainda não tivesse transformado Mercury numa actividade legítima? O que encarava como um negócio divertido e inofensivo teria pesado em Eve como uma pedra.

Aliado ao facto desconcertante de que apesar do que haviam começado a construir juntos, ela estava longe de o ter como garantido.

Ela murmurou algo, e mudou de posição. Até a dormir, pensava ele, ela hesitava antes de se virar para ele. Não estava a ser fácil para ele lidar com isso. Em breve, ia ser necessário encetar algumas mudanças, pelo bem de ambos.

Por agora, ia lidar com aquilo que conseguia controlar. Seria muito fácil para ele fazer alguns telefonemas e perguntas sobre Cicely Towers. Não seria tão simples e ia levar um pouco mais de tempo a converter todas as áreas cinzentas, em que estava envolvido, em luz viva.

Desceu o olhar para a estudar. Ela dormia bem, a mão aberta e descansada sobre a almofada. Ele sabia que, por vezes, tinha pesadelos. Mas naquela noite, a sua mente sossegara. Confiando que ia ficar assim, deslizou para fora da cama para começar.

Eve acordou com o aroma a café. Café genuíno e rico, moído de grãos cultivados na plantação de Roarke na América do Sul. O luxo era, admitia Eve, uma das primeiras coisas a que ela se acostumara e de que, na verdade, se tornara dependente, quando ficava em casa de Roarke. Esboçou um sorriso antes de abrir os olhos.

— Bolas, o Céu não pode ser melhor do que isto.

— Ainda bem que achas.

Os olhos dela ainda podiam estar enevoados, mas conseguiu focá-los nele. Estava vestido dos pés à cabeça com um daqueles fatos pretos que lhe davam um ar competente e perigoso. Na sala de estar, por baixo da plataforma elevada onde ficava a cama, ele parecia deleitar-se com o pequeno-almoço e uma olhadela rápida às notícias no ecrã.

O gato cinzento a que ela chamara Galahad estava deitado, como uma lesma gorda em cima do braço da poltrona, e estudava o prato de Roarke com olhos bicolores e avaros.

— Que horas são? — indagou ela, e o relógio da mesa-de-cabeceira murmurou a resposta: seis da manhã. — Céus, há quanto tempo estás acordado?

— Há um bocado. Não disseste quando tinhas de ir trabalhar.

Com um acordar lento, passou as mãos pela face e rolou para fora da cama, trôpega, à procura de algo para vestir.

Roarke ficou a observá-la por instantes. Sempre fora um prazer olhar para Eve de manhã, quando estava nua e de olhar vidrado. Gesticulou para o roupão que o dróide de quarto lhe apanhara do chão e colocara com apromo aos pés da cama. Eve agarrou-o, demasiado sonolenta ainda para se sentir acariciada pelo toque da seda de encontro à pele.

Roarke serviu-lhe uma chávena de café e esperou que ela se sentasse na cadeira à sua frente, a saboreá-lo. O gato, achando que a sua sorte ia mudar, saltou para o colo dela com tamanho peso que lhe arrancou um grunhido.

— Dormiste bem.

— Sim. — Engoliu o café como se fosse ar, vacilando apenas quando Galahad começou a andar à roda no seu colo, e lhe espetou as unhas afiadas nas coxas. — Quase me sinto humana de novo.

— Tens fome?

Grunhiu outra vez. Eve já sabia que a cozinha dele era mantida por artistas. Tirou um bolo em forma de cisne da bandeja de prata e engoliu-o em três dentadas entusiastas. Ao pegar na cafeteira, partiu a cabeça de um cisne e deu-a a Galahad.

— É sempre um prazer ver-te acordar, — comentou ele. — Mas às vezes pergunto-me se não me queres só por causa do meu café.

— Bom... — Sorriu para ele e bebeu mais um pouco. — Também gosto muito da comida. E o sexo não é mau.

— Ontem à noite pareceu-me que o toleraste bastante bem. Tenho de ir hoje para a Austrália. Sou capaz de só voltar amanhã ou daqui a dois dias.

— Oh.

— Gostava que ficasses aqui na minha ausência.

— Já falámos sobre isso. Não me sinto confortável.

— Talvez se a visses como a tua casa, tanto quanto é minha. Eve...

— Pousou a mão sobre a dela antes de ela conseguir falar. — Quando é que vais aceitar o que sinto por ti?

— Ouve, fico muito mais confortável em minha casa quando não estás, só isso. De momento, estou com muito trabalho.

— Não respondeste à minha pergunta, — murmurou ele. — Esquece. Depois aviso-te quando chego. — Agora, a voz dele aguçara-se, fria, e virou o ecrã na direcção dela. — Por falar em trabalho, talvez seja bom tomares atenção às notícias.

Eve leu a primeira manchete com uma espécie de resignação agastada. Um esgar nos lábios, perscrutou notícia a notícia. Os cabeçalhos eram quase todos iguais. Advogada de renome de Nova Iorque assassinada. Polícia abismada. Havia imagens, claro, de Towers. Dentro dos tribunais, à porta dos tribunais. Imagens dos filhos, comentários e citações.

Eve fez uma careta para a sua própria imagem e a legenda que a identificava como a melhor investigadora de homicídios da cidade.

— Vou ter dissabores com isto, — murmurou.

Naturalmente que havia mais. Vários jornais haviam imprimido um breve resumo do caso que ela encerrara no Inverno anterior, e que envolvia

um senador de renome e a morte de três prostitutas. Como esperado, a sua relação com Roarke foi mencionada em todas as edições.

— Que raio é que interessa quem sou ou com quem ando?

— Saltaste para a praça pública, tenente. Agora o teu nome vende como aperitivos de notícias.

— Sou polícia, não *socialite*. — Soprando, virou-se para a enorme grelha na parede mais afastada. — Abrir ecrã de visualização, — ordenou. — Canal 75.

A grelha abriu-se, revelando o ecrã. O som das notícias da manhã encheu a sala. Eve franziu os olhos e cerrou os dentes.

— Lá está aquele fuinha de dentes grandes, sem pila.

Divertido, Roarke bebia o café e via C. J. Morse apresentar a edição das seis. Estava bem ciente de que o desdém de Eve pelos jornalistas aumentara para uma náusea profunda nos últimos meses. Uma náusea que se avivava pelo simples facto de agora ter de lidar com eles a cada reviravolta da sua vida profissional e pessoal. Mesmo sem esse factor, ele achava que não a podia culpar por desprezar Morse.

— «E assim, uma grande carreira foi interrompida de forma abrupta, violenta. Uma mulher de convicção, dedicação e integridade foi assassinada nas ruas desta grande cidade, deixada caída à chuva. Cicely Towers não será esquecida, mas sim recordada como uma mulher que lutou por justiça num mundo em que lutamos por ela. Nem a morte será capaz de apagar o seu legado.

»Mas será o seu assassino levado à justiça a que ela dedicou toda a sua vida? A Polícia e o Departamento de Segurança de Nova Iorque até à data não dão quaisquer esperanças. A investigadora principal, a tenente Eve Dallas, uma jóia do departamento, é incapaz de responder a essa pergunta.»

Eve limitou-se a grunhir, ao ver a sua imagem encher o ecrã, enquanto a voz de Morse continuava.

— «Contactada pela teleligação, a tenente Dallas recusou comentar o homicídio e o progresso da investigação. Não foi emitido qualquer comunicado a negar a especulação de que está em curso um processo de encobrimento...»

— Aquele idiota com cara de lambe-botas. Não me fez pergunta nenhuma sobre encobrimento. Que encobrimento? — A pancada no braço da poltrona fez Galahad saltar para local seguro. — Nem sequer estou no caso há trinta horas.

— Ssh, — disse Roarke, meigo, e deixou-a levantar-se e começar a caminhar pela sala.

— «...a longa lista de nomes proeminentes com ligações à procu-

radora do Ministério Público Towers, entre eles o comandante Whitney, superior de Dallas. O comandante recusou recentemente a oferta do cargo de Chefe da Polícia e da Segurança. Amigo íntimo e de longa data da vítima...»

— É isso! — Furiosa, com uma pancada, Eve desligou manualmente o ecrã. — Vou cortar aquele verme às postas. Onde raio é que anda Nadine Furst? Já que temos jornalistas a cheirar-nos o rabo o tempo todo, pelo menos ela tem cabeça.

— Acho que está na Estação Penal Omega, a trabalhar numa história sobre reforma prisional. É melhor convocares uma conferência de imprensa, Eve. A forma mais simples de lidar com este tipo de tensão é atirar uma acha bem escolhida para a fogueira.

— Que se lixe isso. Afinal o que era aquela emissão, um comunicado ou um editorial?

— Pouca diferença faz, uma vez que a revisão da lei de imprensa tem mais de trinta anos. Um jornalista tem o direito de apimentar a história com a sua opinião, desde que a exprima como tal.

— Conheço a porcaria da lei. — O roupão, brilhante e colorido, enrolou-se às suas pernas quando se virou. — Ele não se vai safar com a insinuação de um encobrimento. Whitney dirige um departamento limpo. A minha investigação é limpa. E ele nem pense que vai usar o teu nome para a sujar, — prosseguiu ela. — Era o que estava a tentar fazer, naquela amostra de noticiário. É o que vem a seguir.

— Ele não me preocupa, Eve. Não te devia preocupar também.

— Não me preocupa. Mas fico danada. — Fechou os olhos e respirou fundo, para se acalmar. Devagar, muito devagar e com astúcia, começou a sorrir. — Tenho a paga perfeita. — Voltou a abrir os olhos. — Achas que aquele patifezinho ia gostar se eu contactasse Furst, e lhe desse o exclusivo?

Roarke pousou a chávena. — Vem cá.

— Porquê?

— Esquece. — Levantou-se e foi ter com ela. Com as mãos em concha, envolveu-lhe o rosto e beijou-a com força. — Estou louco por ti.

— Presumo que aches que isso é boa ideia.

— O meu falecido pai, que não deixa saudades, ensinou-me uma lição valiosa. «Rapaz», dizia ele no tom áspero de um campeão bêbedo, «a única forma de lutar, é lutar sujo. O único sítio para acertar, é abaixo do cinto. Tenho um pressentimento que Morse se vai agarrar aos tomates antes que o dia acabe.

— Não vai, não. — Encantada consigo mesma, Eve devolveu o beijo. — Porque lhos vou cortar.

Roarke encolheu os ombros, jocoso. — As mulheres malvadas são muito atraentes. Disseste que tinhas umas horas?

— Agora, já não.

— Já receava isso. — Deu um passo atrás e tirou um disco do bolso. — És capaz de achar isto útil.

— O quê?

— Alguns dados que reuni, sobre o ex de Towers, sobre Hammett, ficheiros da Mercury.

Os dedos dela gelaram, ao fecharem-se sobre o disco. — Não te pedi para fazeres isto.

— Pois não. Terias acesso a tudo, mas ia demorar mais tempo. Sabes que se precisares do meu equipamento, tens tudo disponível.

Ela percebeu que ele se referia à sala onde guardava o equipamento não registado, que os sensores da Compugarda não conseguiam detectar. — De momento, prefiro seguir os trâmites habituais.

— Como quiseres. Se mudares de ideias na minha ausência, Summerset sabe que tens acesso livre.

— Summerset gostava era que eu tivesse acesso ao Inferno, — murmurou ela.

— Desculpa?

— Nada. Tenho de me vestir. — Ela virou-se, e depois parou. — Roarke, estou a trabalhar nisso.

— No quê?

— Em aceitar o que disseste que sentias por mim.

Ele ergueu o sobrolho. — Trabalha mais, — sugeriu ele.

Eve não perdia tempo. A primeira coisa que fez assim que chegou ao gabinete foi contactar Nadine Furst. A teleligação tocou e estremeceu no canal galáctico. Manchas de Sol, uma interferência de satélite ou apenas a idade do equipamento retiveram a transmissão por vários minutos. Por fim, uma imagem ondulou no ecrã, para depois saltar nitidamente focada.

Eve teve o prazer de ver o rosto pálido e rabugento de Nadine. Nem se lembrou da diferença horária.

— Dallas. — A voz habitualmente fluida de Nadine ouvia-se arranhada e fraca. — Jesus, estamos a meio da noite.

— Desculpe. Está acordada, Nadine?

— O suficiente para a odiar.

— Tem recebido notícias da Terra, aí em cima?

— Tenho andado um pouco ocupada. — Nadine penteava para trás o cabelo desalinhado e procurava um cigarro.

— Quando é que começou a fumar?

Com um trejeito, Nadine deu a primeira baforada. — Se os polícias terrestres algum dia subissem até aqui, havia de experimentar o tabaco. Até mesmo esta merda de cão que se compra neste buraco. E tudo o mais a que conseguimos deitar a mão. É uma desgraça de merda. — Inalou mais fumo. — Três pessoas numa gaiola, quase sempre marados dos químicos traficados. As instalações médicas parecem saídas do século XX. Ainda cosem as pessoas com linha.

— E têm privilégios de vídeo limitados, — concluiu Eve. — Imagine, tratar assassinos como criminosos. Parte-se-me o coração.

— Não se consegue uma refeição decente em lado nenhum desta colónia, — exclamou Nadine. — Que raio é que pretende?

— Fazê-la sorrir, Nadine. Quanto tempo falta para acabar por aí e voltar ao planeta?

— Depende. — Ao começar a acordar plenamente, os sentidos de Nadine aguçaram-se. — Tem alguma coisa para mim?

— A procuradora do Ministério Público, Cicely Towers, foi assassinada há trinta horas. — Ignorando o guincho de Nadine, Eve prosseguiu de forma abrupta: — Degolaram-na, e encontraram o corpo no passeio da Cento e quarenta e quatro, entre a Nona e a Décima.

— Towers. Jesus deve ter chorado. Há cerca de um mês, tive um arru-

fo com ela depois do caso DeBlass. A Cento e quarenta e quatro? — A roda já se encontrava em marcha. — Assalto?

— Não. Ela ainda tinha as jóias e os vales de crédito. Um assalto, naquele bairro, não lhe ia deixar um sapato para trás.

— Não. — Nadine fechou os olhos por instantes. — Bolas. Era uma mulher dos diabos. Está como responsável?

— Desde o primeiro minuto.

— Ok. — Nadine soltou um imenso suspiro. — Então, porque é que a responsável, naquele que deve ser o caso mais importante do país, me está a contactar?

— Sabe bem porquê, Nadine. O seu ilustre colega, Morse, anda a babar-se no meu pescoço.

— Parvalhão, — murmurou Nadine, batendo com o cigarro com pancadas rápidas e secas. — Foi por isso que não soube de nada. Ele deve ter-me bloqueado de propósito.

— Se fizer jogo limpo comigo, Nadine, eu faço o mesmo consigo.

Os olhos de Nadine brilhavam, as narinas estremeceram. — Exclusivo?

— Discutimos os termos assim que regressar. Seja rápida.

— É como se já estivesse no planeta.

Eve sorriu para o ecrã em branco. *Isto já deve deixar-te a pulga atrás da orelha, C. J.*, pensou. Ao levantar-se da secretária, cantarolava. Tinha de falar com algumas pessoas.

Às nove da manhã, Eve aguardava há algum tempo na sala de estar chique do apartamento da alta da cidade de George Hammett. O gosto pessoal dele roçava o dramático, reparou. Mosaicos quadrados enormes carmesim e brancos por baixo das botas. A melodia relaxante da água a bater numa rocha ouvia-se do áudio do holograma que ocupava uma parede inteira, com uma imagem dos trópicos. As almofadas prateadas no sofá comprido e baixo, brilhante, e ao enterrar o dedo numa, cedeu como pele sedosa.

Decidiu que era melhor continuar de pé.

Os objectos de arte haviam sido colocados selectivamente pela sala. Uma torre esculpida que se assemelhava a ruínas de um castelo antigo, a máscara do rosto de uma mulher embutida num vidro translúcido cor-de-rosa, o que parecia ser uma garrafa que reluzia com cores vívidas que alternavam com o calor da sua mão.

Assim que Hammett entrou vindo da sala adjacente, Eve concluiu que ele era tão dramático quanto o ambiente.

Parecia pálido, de olhar pesado, mas isso só completava o seu visual espantoso. Era alto e elegantemente magro. O seu rosto era emoldurado

de forma poética pelas faces. Ao contrário de muitos dos seus contemporâneos — Eve sabia que ele tinha à volta de sessenta anos —, optara pelo seu grisalho natural. Uma excelente escolha para ele, pensava, uma vez que a espessa juba de leão era tão brilhante quanto um dos castiçais jorgianos de Roarke.

Os seus olhos eram da mesma cor fascinante, apesar de agora se mostrarem mortiços, pelo que podia ser desgosto e cansaço.

Ele foi ter com ela e envolveu-lhe a mão com as suas duas. — Eve. — Quando os seus lábios lhe roçaram a face, ela pestanejou. Ele tratava de tornar o encontro pessoal. Concluiu que ambos sabiam disso.

— George, — começou ela, recuando subtilmente. — Agradeço-lhe o seu tempo.

— Que disparate. Lamento tê-la feito esperar. Tinha de acabar uma chamada. — Gesticulou para o sofá, a manga da camisa casual ondulando com o movimento. Eve resignou-se a sentar-se. — Posso oferecer-lhe alguma coisa?

— Nada, sinceramente.

— Café. — Ele sorriu um pouco. — Lembro-me de que gosta muito. Tenho do lote de Roarke. — Premiu um botão no braço do sofá. Surgiu um pequeno ecrã. — Uma cafeteira de Ouro Argentino, — ordenou, — duas chávenas. — Depois, com aquele sorriso vago e sóbrio ainda nos lábios, voltou a ficar de frente para ela. — Vai ajudar-me a descontraír, — explicou. — Não me surpreende encontrá-la aqui esta manhã, Eve. Ou talvez lhe devesse chamar tenente Dallas, dadas as circunstâncias.

— Então, compreende o motivo da minha visita.

— Claro. Cicely. Não me consigo habituar à ideia. — A sua voz adocicada tremeu um pouco. — Já ouvi a notícia inúmeras vezes, falei com os filhos dela e com Marco. Mas não consigo encarar o facto de ela ter morrido.

— Viu-a na noite em que morreu.

Um músculo na sua face estremeceu. — Sim. Jantámos. Fazíamos-lo muitas vezes, quando as agendas o permitiam. Pelo menos, uma vez por semana. Mais até, se fosse possível. Éramos íntimos.

Fez uma pausa, enquanto um pequeno dróide de serviço deslizava com o café. Hammett serviu-o, concentrado na pequena tarefa quase com ferocidade. — Quão íntimos? — murmurou ele, e Eve reparou que a sua mão não estava muito estável, ao erguer a chávena. — Íntimos. Éramos amantes, amantes exclusivos, há vários anos. Amava-a muito.

— Mantinham residências separadas.

— Sim, ela... ambos preferíamos assim. O nosso gosto, esteticamente falando, era muito diferente, e a verdade pura e simples era que ambos

gostávamos da nossa independência e espaço pessoal. Acho que nos apreciávamos mais, mantendo uma certa distância. — Respirou fundo. — Mas não era segredo que tivéssemos um relacionamento, pelo menos não entre as famílias e os amigos. — Soltou o ar. — Publicamente, ambos preferíamos manter a nossa vida em privado. Acho que isso agora não vai ser possível.

— Também duvido.

Ele abanou a cabeça. — Não importa. O importante é descobrir quem lhe fez isto. Não consigo aceitar o que aconteceu. Mas nada vai mudar o facto de ela não estar entre nós. Cicely era, — falava devagar, — a mulher mais admirável que conheci.

Todo o seu instinto, humano ou policial, lhe dizia que aquele era um homem em luto profundo, mas ela sabia que até os assassinos choravam os seus mortos. — Preciso que me diga a que horas a viu pela última vez. George, estou a gravar isto.

— Sim, claro. Por volta das dez horas. Jantámos no Robert's, na Doze Leste. Depois partilhámos o táxi. Deixei-a em casa primeiro. Por volta das dez, — repetiu. — Sei que cheguei a casa um quarto de hora depois, porque tinha muitas mensagens em espera.

— Qual era a vossa rotina habitual?

— O quê? Oh. — Regressou do seu mundo interior. — Não tínhamos uma, propriamente. Muitas vezes vínhamos aqui para casa, ou íamos para o apartamento dela. De vez em quando, quando nos sentíamos mais aventureiros, reservávamos uma suite no Palace e passávamos lá a noite. — Perdeu o controlo, os olhos subitamente vazios e devastados, ao levantar-se do sofá macio e prateado. — Oh, Deus. Meu Deus.

— Lamento. — Era inútil, sabia ela, perante a dor. — Lamento imenso.

— Começo a acreditar, — disse numa voz grossa e vagarosa. — Já percebi que é pior, agora que começo a acreditar. Quando saiu do táxi, ela sorriu, e atirou-me um beijo com a ponta dos dedos. Tinha umas mãos tão lindas. E fui para casa, e esqueci-me dela porque tinha mensagens em espera. À meia-noite estava deitado, tomei um tranquilizante fraco, porque tinha uma reunião bem cedo. Enquanto estava na cama, em segurança, ela estava deitada à chuva. Não sei se consigo aguentar isso. — Virou-se, o rosto já pálido, agora lívido. — Não sei se vou aguentar.

Ela não o podia ajudar. Apesar de a sua dor ser tão tangível que até ela a conseguia sentir, não o podia ajudar. — Quem me dera poder fazer isto depois, dar-lhe tempo, mas não posso mesmo. Tanto quanto sabemos, você foi a última pessoa a vê-la com vida.

— À excepção do assassino. — Levantou-se com esforço. — A não ser, claro, que eu a tenha matado.

— Será melhor para todos se eu tirar isso a limpo, o mais depressa possível.

— Sim, naturalmente, com certeza... tenente.

Ela aceitou a amargura na voz dele e fez o seu trabalho. — Se me pudesse dar o nome da empresa de táxis, para poder verificar os vossos movimentos.

— Foi o restaurante que o chamou. Acho que era um *Rapid*.

— Viu ou falou com alguém entre a meia-noite e as duas da manhã?

— Já lhe disse, tomei um comprimido e fui para a cama. Sozinho.

Ela podia verificar isso com o disco de segurança do edifício, apesar de ter motivos para saber que essas coisas podiam ser adulteradas. — Sabe dizer como é que ela estava, quando a deixou?

— Algo distraída, por causa do processo que tinha em mãos. Mas parecia optimista. Falámos dos filhos dela, em particular, da filha. Dos planos de Mirina se casar no Outono. Cicely gostava da ideia, e estava entusiasmada, porque Mirina queria um casamento em grande, com todos os requintes, à antiga.

— Mencionou algo que a pudesse preocupar? Alguma coisa ou alguém com que estivesse preocupada?

— Nada que se aplique a isto. O vestido de casamento certo, as flores. As esperanças que tinha de conseguir pena máxima no processo.

— Falou de ameaças, alguma transmissão invulgar, mensagens, contactos?

— Não. — Pousou a mão sobre os olhos por instantes, e deixou-a cair ao lado. — Não acha que lhe contava, se tivesse a mais pequena ideia da razão de isto ter acontecido?

— Porque é que ela foi para o Upper West Side àquela hora da noite?

— Não faço ideia.

— Tinha o hábito de se encontrar com informadores, fontes?

Abriu a boca e fechou-a novamente. — Não sei, — murmurou ele, abismado. — Nunca pensei... mas ela era tão teimosa, tão segura de si.

— A relação dela com o ex-marido. Como é que a descreve?

— Amigável. Algo reservada, mas amigável. Eram ambos dedicados aos filhos e isso unia-os. Ele ficou um pouco chateado quando nos tornámos íntimos, mas... — Hammett interrompeu-se, fitando Eve. — Não pode achar... — Com o que parecia uma gargalhada, tapou o rosto. — Marco Angelini a passear por aquele bairro, de faca na mão, a conspirar assassinar a ex? Não, tenente. — Voltou a deixar cair as mãos. — Marco tinha os seus defeitos, mas nunca ia magoar Cicely. E a visão de sangue iria ofender o seu sentido de sobriedade. Ele é demasiado frio, demasiado conservador para

recorrer à violência. E não teria motivo, nenhum motivo possível para lhe desejar mal.

Isso, pensava Eve, seria ela a decidir.

Precipitou-se aos tropeções de um mundo para outro, saindo do apartamento de Hammett na direcção do West End. Ali não ia encontrar almofadas prateadas, nem quedas de água cintilantes. Em vez disso, só via passeios rachados, ignorados pelas recentes campanhas de melhoramento da cidade, edifícios cobertos de graffiti que convidavam os transeuntes a mandarem à merda o homem e a besta. As montras das lojas estavam tapadas com grades de segurança, que eram tão mais baratas e menos eficazes do que os campos de força usados nas zonas mais chiques.

Não teria ficado surpreendida ao encontrar alguns roedores observados pelos dróides felinos, que vagueavam pelos becos.

Dos roedores de duas pernas, viu muitos. Um janado mostrou-lhe os dentes e coçou a virilha com orgulho. Num ápice e sem sombra de dúvidas, um vendedor ambulante tirou-lhe as medidas como sendo polícia, escondeu a cabeça no monte de plumas que enrolara à volta do cabelo magenta, e desapareceu para local mais seguro.

Ainda era ilegal uma lista seleccionada de drogas. Alguns polícias até se davam ao trabalho de ter isso em consideração.

De momento, Eve não era um deles. A não ser que uma certa pressão a ajudasse a obter respostas.

A chuva lavara grande parte do sangue. Os varredores do departamento deviam ter aspirado tudo na zona imediata, que pudesse ser filtrado, à procura de provas. Mas ela deixou-se ficar por instantes sobre o local onde Towers morrera, e não teve problemas em visualizar a cena.

Agora, precisava de inverter o sentido do trabalho. *Teria ela estado ali, de pé, perguntava-se, de frente para o assassino? Era provável. Será que viu a faca antes de lhe cortar o pescoço? Possivelmente. Mas não rápido o suficiente para reagir com algo mais que não fosse um salto, um arquejo.*

Erguendo o olhar, Eve perscrutou a rua. Na pele, uma ligeira sensação de formigueiro, mas ignorou os olhares de todos os que se encontravam encostados aos prédios ou de roda dos carros enferrujados.

Cicely Towers fora até à zona alta da cidade. Não de táxi. Até à data, não havia registos de ter sido largada ou apanhada por nenhuma das empresas oficiais. Eve duvidava que ela fosse tola ao ponto de tentar um cigarro.

O metro, deduziu. Era rápido e, com os *scanners* e os polícias dróides, seguro como uma igreja, pelo menos até chegar à rua. Eve avistou o sinal do metro a menos de meio quarteirão de distância.

O metro, decidiu. *Talvez estivesse com pressa? Chateada por a terem arastado para a rua numa noite de chuva. Cheia de confiança, como Hammett afirmara. Não teria medo.*

Marchou pelas escadas acima até à rua no fato de trabalho, os sapatos caros. Ela...

Parando, Eve franziu os olhos. *Sem chapéu-de-chuva? Onde é que ela tinha o raio do chapéu-de-chuva? Uma mulher meticulosa, uma mulher prática e organizada não saía à chuva sem protecção.* Num gesto brusco, Eve sacou do gravador e murmurou uma nota, para não se esquecer.

Estaria o assassino à espera dela na rua? Num quarto? Estudava o tijolo que se desintegrava dos edifícios devolutos. Um bar? Um dos clubes de strip?

— Hei, branquela.

De sobrancelhas unidas, Eve virou-se para quem a interpelara. O homem era alto como uma casa e das profundezas da sua compleição, uma mancha negra. Ostentava, como muitos nesta zona da cidade, plumas no cabelo. A tatuagem na face era de um verde-claro, na forma de um crânio humano sorridente. Envergava um colete vermelho aberto e calças a condizer tão apertadas que lhe salientavam o volume do sexo.

— Hei, escurinho, — disse ela, no mesmo tom casual e insultuoso.

Ele disparou um sorriso aberto e estonteante na sua direcção, daquele rosto incrivelmente feio. — Andas à procura de acção? — Agitou a cabeça para o letreiro vistoso do clube de *strip* do outro lado da rua. — És um ‘cadinho magricela, mas eles metem-te lá. Não aparecem muitas branquelas como tu. São quase sempre mestiças. — Beliscou-a por baixo do queixo com dedos da largura de rebentos de soja. — Deixa-me ser o arranjinhos, dou uma palavrinha por ti.

— Porque farias isso?

— Por ter um coração bondoso, e querer cinco por cento das gorjetas, doçura. Uma menina branca e compridinha como tu deve ter bom produto para vender.

— Agradeço a ideia, mas já tenho trabalho. — Quase com pesar, sacou do distintivo.

Ele assobiou entre dentes. — Como é que não adivinhei? Menina branca, não cheiras nada a polícia.

— Deve ser do sabonete novo. Tens nome?

— A malta chama-me Crack. É o som que faz quando estouro miolos. — Voltou a rir, ilustrando, ao entrelaçar as duas mãos enormes. — Crack! Percebes?

— Estou a ver. Estiveste aqui à porta, anteontem à noite, Crack?

— Bom, lamento dizer que tive outro compromisso e perdi o acontecimento. É a minha noite de folga, e passei-a entretido em eventos culturais.

— E que eventos foram esses?

— Festival de cinema de vampiros, em Grammercy, com a minha tenrinha actual. Gosto mesmo das que sabem chupar o sangue. Mas ouvi dizer que perdemos um espectáculo por estas bandas. Parece que foi uma advogada morta. Grandiosa, importante e chique. Menina branca, não era? Como tu, doçura.

— É verdade. Que mais é que ouviste?

— Eu? — Deslizou o dedo pela frente do colete. A unha do indicador estava afiada num bico letal e pintada de preto. — Sou demasiado digno para dar ouvidos a conversa de rua.

— Aposto que sim. — Percebendo as regras, Eve tirou do bolso um vale de cem créditos. — Que tal se eu comprar um pouco dessa dignidade?

— Bem, o preço parece-me certo. — A mão enorme fez desaparecer os créditos num ápice. — Ouvi dizer que ela andou pelo Cinco Luas por volta da meia-noite, mais ou menos. Como se tivesse à espera de alguém que não apareceu. Depois, bazou.

Desceu o olhar para o passeio. — Mas não foi longe, pois não?

— Não foi, não. Perguntou por alguém?

— Segundo dizem, não.

— Alguém a viu acompanhada?

— Má noite. O pessoal não costuma andar pela rua. Os janados são capazes de andar, mas o negócio não é nada de jeito.

— Conheces alguém por aqui que goste de facas?

— Muitos andam com naifas e canivetes, branquela. — Revirou os olhos, divertido. — Porque é que andam com elas se não é para as usarem?

— Alguém que goste de cortar, — repetiu ela. — Alguém que não se importe nada de um belo golpe.

O sorriso malévolo dele abriu-se de novo. O crânio na sua face parecia acenar com o movimento. — Toda a gente quer fazer um belo golpe. Não é o que estás a tentar também?

Aceitou o argumento. — Quem é que conheces aqui que tenha saído recentemente da gaiola?

A gargalhada dele era como fogo de morteiro. — Era melhor se perguntasses se conheço quem não tenha. E foi isto que compraste.

— Está bem. — Para desânimo seu, ela pegou num cartão, em vez de em mais vales do bolso. — Posso comprar mais, se ouvires alguma coisa que me seja útil.

— Não me vou esquecer. Se decidires que queres ganhar uns trocos extra a abanares essas maminhas, avisa aqui o Crack. — Com isto, atravessou a rua com a graciosidade surpreendente de uma enorme gazela negra.

Eve deu meia volta e foi tentar a sua sorte no Cinco Luas.

A espelunca já devia ter visto melhores dias, mas ela duvidava. No essencial, era um lugar onde se bebia: sem bailarinas, sem ecrãs nem cabines de vídeo. A clientela que frequentava o Cinco Luas não estava lá para socializar. Pelo cheiro que atingiu Eve assim que passou na porta, queimar paredes de estômago era a ordem do dia.

Mesmo àquela hora, a sala pequena e quadrada estava bem composta. Bebedores silenciosos em bancos altos e pontiagudos, a engolir o veneno da sua preferência. Outros vagueavam pelo bar, mais perto das garrafas. Eve captou alguns olhares ao atravessar o chão pegajoso, mas depois todos voltaram à actividade séria da bebida incondicional.

O empregado do bar era um dróide, como quase todos eram, mas duvidava que aquele estivesse programado para ouvir com dedicação as histórias azaradas dos clientes. Era mais provável que fosse um Durão, pensava, ao tirar-lhe as medidas enquanto avançava até ao bar. Os fabricantes deram-lhe um olho torto, a tonalidade de pele dourada de uma mistura de raças. Ao contrário da maioria dos bebedores, o dróide não ostentava plumas ou contas, mas um avental branco e simples sobre o corpo de um lutador.

Não era possível subornar dróides, pensou com uma certa pena. E as ameaças tinham de ser inteligentes e lógicas.

— Uma bebida? — indagou o dróide. A sua voz tinha um certo timbre, um leve eco que indicava velhos problemas de manutenção.

— Não. — Eve queria manter-se sóbria. Mostrou o distintivo, o que levou alguns clientes a refugiarem-se nos cantos. — Houve um homicídio há duas noites.

— Aqui não.

— Mas a vítima esteve cá.

— Nessa altura, estava viva. — Perante um qualquer sinal que Eve não percebeu, o dróide tirou o copo sujo de um cliente a meio do bar, enchendo-o de uma espécie de líquido nojento, para o devolver com um empurrão.

— Estava de serviço.

— Estou de serviço vinte e quatro horas, — disse ele, indicando que estava programado para funcionar em pleno sem a necessidade de descansar ou períodos de recarga.

— Já tinha visto a vítima antes, por aqui, por esta zona?

— Não.

— Com quem é que ela se encontrou?

— Ninguém.

Eve tamborilou os dedos pela superfície manchada do bar. — Ok,

vamos tornar isto mais simples. Diga-me a que horas ela entrou, o que fez, quando saiu e como se foi embora.

— Não é da minha responsabilidade vigiar os clientes.

— Certo. — Lentamente, Eve esfregou um dedo no bar. Ao levantá-lo, pressionou os lábios quando viu a camada de sujidade que se agarrou à ponta do dedo. — Sou dos Homicídios, mas não é da minha responsabilidade ignorar infracções de higiene e segurança. Sabe, acho que se ligasse para os Bichos Sensores e eles fizessem uma bela inspecção, eram capazes de ficar chocados. Tão chocados que eram capazes de cancelar a licença de venda de bebidas alcoólicas.

Com o prosseguir das ameaças, ela nem pensou se seria particularmente inteligente, mas apenas lógico.

O dróide demorou um instante a aceder às probabilidades. — A mulher entrou à meia-noite e dezasseis. Não bebeu. Saiu à uma e doze. Sozinha.

— Falou com alguém?

— Não disse nada.

— Andava à procura de alguém?

— Não perguntei.

Eve arqueou o sobrolho. — Observou-a. Parecia-lhe que andava à procura de alguém?

— Parecia, mas não encontrou.

— Mas ficou perto de uma hora. O que é que fez?

— Ficou por aqui, olhou, franziu o sobrolho. Olhou muitas vezes para o relógio. Saiu.

— Alguém a seguiu?

— Não.

Distraída, Eve esfregou o dedo sujo nas calças de ganga. — Levava chapéu-de-chuva?

Dentro do possível das suas limitações de dróide, pareceu surpreendido. — Sim, roxo, da mesma cor que o fato.

— Saiu com ele?

— Sim, estava a chover.

Eve acenou, e depois fez algumas paragens pelo bar, a interrogar clientes infelizes.

A única coisa que queria quando voltou à Central da Polícia era um duche demorado. Uma hora no Cinco Luas deixara o que parecia uma camada espessa de gordura na sua pele. Até nos dentes, pensava, ao passar a língua por eles.

Mas o relatório estava primeiro. Enfiou-se no gabinete e depois esta-

cou, estudando o homem de cabelo desalinhado sentado na sua secretária, a tirar amêndoas de açúcar de um saco.

— É um belo trabalho, para quem pode.

Feeney cruzava os pés apoiados na berma da secretária dela. — Que bom ver-te, Dallas. És uma mulher ocupada.

— Alguns de nós, polícias, até ganham a vida a trabalhar. Outros, passam o dia a jogar computador.

— Devias ter seguido o meu conselho e aprumar a tua destreza informática.

Com mais afecto do que irritação, empurrou-lhe os pés da secretária e apoiou o traseiro no espaço deixado livre. — Estás de passagem?

— Vim oferecer os meus serviços, velha amiga. — Com generosidade, estendeu o saco de amêndoas.

Ela mastigou e ficou a observá-lo. Tinha o rosto de um cão de caça, daqueles que nunca se incomodara em melhorar. Olhos sapudos, o prenúncio de queixada, as orelhas demasiado grandes para a cabeça. Ela gostava dele mesmo assim.

— Porquê?

— Bom, tenho três motivos. Primeiro, o comandante fez-me um pedido informal; segundo, nutria uma imensa admiração pela procuradora.

— Whitney chamou-te?

— Informalmente, — voltou a explicar Feeney. — Ele achou que se tivesses alguém com as minhas fantásticas capacidades a trabalhar na organização dos dados contigo, éramos capazes de deslindar isto mais depressa. Mal não faz, ter uma ligação directa à Divisão de Detecção Electrónica.

Ela ponderou, e por saber que as capacidades de Feeney eram realmente fantásticas, aprovou. — Vais entrar no caso formal ou informalmente?

— Isso é contigo.

— Então, vamos tratar que seja oficial, Feeney.

Ele sorriu e piscou o olho. — Imaginei que dissesses isso.

— A primeira coisa que preciso que faças é passar revista à teleligação da vítima. Não há qualquer rasto no registo nem nas gravações de segurança de que ela tenha recebido visitas na noite em que foi assassinada. Por isso, alguém lhe telefonou, combinou um encontro.

— Considera-o feito.

— E preciso que verifiques toda a gente que ela mandou prender. . .

— Todos? — interrompeu ele, apenas algo espantado.

— Todos. — O rosto dela abriu-se em sorrisos solarengos. — Deves ser capaz de o fazer em metade do tempo que eu demoraria. Também que-

ro saber de familiares, namorados, sócios. Também os processos em curso e pendentos.

— Bolas, Dallas. — Contudo, rodou os ombros, flexionando os dedos como um pianista prestes a dar um concerto. — A minha mulher vai sentir a minha falta.

— Estar casado com um polícia é uma treta, — disse ela, com uma palmadinha no ombro dele.

— É isso que Roarke diz?

Deixou cair a mão. — Não somos casados.

Feeney apenas emitiu um som gutural. Gostava de ver o franzir da testa rápido de Eve, os nervos céleres. — Como é que ele está?

— Bem. Está na Austrália. — As mãos procuraram o caminho até aos bolsos. — Está bem.

— Uh-huh. Apanhei-vos aos dois nas notícias há umas semanas. Numa festarola qualquer no Palace. Ficas mesmo bem de vestido, Dallas.

Desconfortável, ela mudou de posição, tomando consciência de si mesma, e encolheu os ombros. — Não sabia que vias os canais de mexericos.

— Adoro-os, — afirmou, sem hesitar. — Deve ser interessante, viver na alta-roda.

— Tem os seus momentos, — murmurou ela. — Vais discutir a minha vida social, Feeney, ou investigar um homicídio?

— Temos de arranjar tempo para fazer as duas coisas. — Pôs-se de pé e espreguiçou-se. — Vou verificar a teleligação da vítima, antes de começar com as penas dos que ela arrecadou. Depois entro em contacto.

— Feeney. — Quando ele se virou junto à porta, ela esticou a cabeça. — Disseste que havia três motivos para queres entrar. Só me deste dois.

— Número três, senti a tua falta, Dallas. — Sorriu. — Raios me partam se não senti a tua falta.

Ela já sorria, ao sentar-se para trabalhar. Raios a partissem se também não sentira a falta dele.

O Esquilo Azul ficava a um saltinho do Cinco Luas. Eve nutria um afecto prudente por ele. Havia alturas em que até apreciava o ruído, os corpos apertados, e a indumentária sempre criativa da clientela. A maior parte das vezes, apreciava o espectáculo no palco.

A cantora daquela noite era uma das raras pessoas que Eve considerava amiga de verdade. A amizade podia ter as suas raízes no momento em que Eve prendera Mavis Freestone há vários anos, mas florescera, mesmo assim. Mavis podia ter-se redimido, mas nunca seria vulgar.

Naquela noite, a mulher magra e exuberante gritava a sua canção ao som de trompetes, os metais dançando ao ritmo da banda feminina de três instrumentos, na projecção em holograma. Essa imagem, e a qualidade do único vinho que Eve arriscara provar, deixou-lhe os olhos marejados de água.

Para o espectáculo daquela noite, o cabelo de Mavis exibia um espantoso verde-esmeralda. Eve sabia que Mavis preferia cores de jóias. Continuava a cantar enrolada num tecido único, de um material que lembrava uma safira brilhante, à sua volta a cobrir um peito generoso e a zona pélvica. O outro seio estava decorado com pedras brilhantes, e uma estrela prateada estrategicamente repousada sobre o mamilo.

Um adorno ou pedaço de tecido fora do sítio, e o Esquilo Azul podia ser multado por exceder a sua licença emitida. Os proprietários não estavam dispostos a pagar a taxa avultada pela classificação de exibição de nu.

Quando Mavis girou, Eve reparou que o traseiro em forma de coração da cantora estava decorado dessa forma, em cada nádega firme. Mesmo, pensava, dentro dos limites da lei.

O público adorava-a. Quando saiu do palco ao acabar a actuação, foi ao som do trovão dos aplausos e de gritos ébrios. Os fregueses nas cabines privadas de fumadores batiam com os punhos de forma entusiasta nas mesas minúsculas.

— Como é que te consegues sentar com isso? — indagou Eve, quando Mavis chegou à sua cabine.

— Bem devagar, e com muito cuidado e grande desconforto. — Mavis demonstrou, após o que soltou um suspiro. — O que achaste da última canção?

— Um verdadeiro íman de audiências.

— Fui eu que escrevi.

— Vai-te lixar! — Eve não percebera uma única palavra, mas ficou orgulhosa, mesmo assim. — Que maravilha, Mavis. Fico sem palavras.

— Sou capaz de conseguir um contrato discográfico. — Por baixo do rosto brilhante, as faces de Mavis coraram. — E fui aumentada.

— Bem, brindemos a isso. — Eve ergueu o copo.

— Não sabia que vinhas cá hoje. — Mavis digitou o seu código na ementa e pediu água com gás. Tinha de cuidar da garganta para o espectáculo seguinte.

— Vim ter com uma pessoa.

— Roarke? — Os olhos de Mavis, momentaneamente verdes, brilharam. — Ele também vem? Vou ter de cantar a última canção outra vez.

— Está na Austrália. Vim ter com Nadine Furst.

A desilusão de Mavis perante a oportunidade de impressionar Roarke transformou-se logo em surpresa. — Vens ter com uma jornalista? A que propósito?

— Posso confiar nela. — Eve elevou o ombro. — Posso usá-la.

— Se tu dizes. Hei, achas que é capaz de fazer um artigo sobre mim? Nada no mundo faria Eve extinguir a luz nos olhos de Marvin. — Posso falar nisso.

— Porreiro. Ouve, amanhã é a minha noite de folga. Queres ir jantar ou passear a qualquer lado?

— Se tiver tempo. Mas pensava que estavas com aquele artista... aquele com o macaco de estimação.

— Enxotei-o. — Mavis ilustrava com o passar do dedo pelo ombro nu. — Era demasiado parado. Tenho de ir. — Deslizou da cabine, mas os enfeites no traseiro emitiram pequenos sons arrastados. O seu cabelo esmeralda brilhava nas luzes giratórias ao passar pela multidão.

Eve decidiu que não queria saber o que Mavis pensava ser demasiado parado.

Quando o comunicador vibrou, Eve agarrou nele e inseriu o código. O rosto de Roarke preencheu o mini-ecrã. A sua primeira reacção, sem pensar, foi um sorriso enorme e maravilhado.

— Tenente, encontrei-te.

— Parece que sim. — Tentou reduzir o sorriso. — Isto é um canal oficial, Roarke.

— Ai, é? — Arqueou a sobrancelha. — O ambiente não tem um ar nada oficial. O Esquilo Azul.

— Vim encontrar-me com uma pessoa. Como está a Austrália?

— Apinhada. Com sorte, volto daqui a trinta e seis horas. Vou ter contigo.

— Não sou difícil de encontrar. — Sorriu de novo. — Obviamente. Ouve. — Para divertimento de ambos, inclinou o aparelho enquanto Mavis iniciava o seu grupo de canções.

— Ela é única, — comentou Roarke, passados vários versos. — Dá-lhe cumprimentos meus.

— Darei. Eu... ah... vemo-nos assim que voltares.

— Conta com isso. Pensa em mim.

— Claro. Faz boa viagem, Roarke.

— Amo-te, Eve.

Ela soltou um suspiro abafado, quando a imagem dele se esfumou.

— Ora vejam só. — Nadine Furst apareceu por trás do ombro de Eve, deslizando para a cabine diante dela. — Não é uma doçura?

Dividida entre a irritação e o embaraço, Eve enfiou o comunicador de novo no bolso. — Pensei que tinha mais classe, do que andar a ouvir as conversas dos outros.

— Qualquer jornalista, que mereça o que lhe pagam, gosta de ouvir as conversas, tenente. Tal como uma boa polícia. — Nadine recostava-se na cabine. — Então, qual é a sensação de ter um homem como Roarke apaixonado por si?

Mesmo se o pudesse explicar, Eve não o teria feito. — Está a pensar em mudar da cruzeza das notícias para o canal romântico, Nadine?

Nadine limitou-se a estender a mão, emitindo um suspiro ao perscrutar o clube. — Nem acredito que marcou o encontro aqui outra vez. A comida é horrível.

— Mas o ambiente, Nadine, o ambiente.

Mavis deu uma nota aguda e Nadine estremeceu. — Ótimo, você é que sabe.

— Voltou depressa ao planeta.

— Consegui arranjar um transporte *flash*. Do rapazinho seu namorado.

— Roarke não é um rapazinho.

— A quem o diz. De qualquer forma... — Nadine demitiu-se com um aceno da mão. Era evidente que estava cansada e um pouco lenta. — Tenho de comer, nem que isso me mate. — Perscrutou a ementa e escolheu, com alguma hesitação, o supremo de moluscos recheados. — O que é que está a beber?

— Número cinquenta e quatro; dizem que é um *chardonnay*. — Experimentando, Eve voltou a beber. — Está a três patamares de mijo de cavalo. Recomendo.

— Ótimo. — Nadine programou o pedido e voltou a recostar-se.

— Consegui aceder a todos os dados disponíveis sobre o homicídio Towers na viagem. Tudo o que os média transmitiram até agora.

— Morse sabe que voltou?

O sorriso de Nadine era fino e selvagem. — Oh, ele sabe. Tenho antiguidade no mundo do crime. Estou dentro, ele está fora. E se está danado!

— Então a minha missão é um êxito.

— Mas não está concluída. Prometeu um exclusivo.

— E vou cumprir. — Eve estudou o prato de massa que deslizou pela ranhura de serviço. Não parecia muito mau. — Nas minhas condições, Nadine. O que eu lhe arranjar, só transmite quando lhe der luz verde.

— Qual é a novidade? — Nadine provou o primeiro molusco, decidindo que era quase comestível.

— Vou tratar de lhe fornecer mais dados, e de que os recebe antes do resto da matilha.

— E logo que tenha um suspeito.

— Saberá em primeira mão.

Confiando na palavra de Eve, Nadine acenou ao espetar outro molusco com o garfo. — Mais um cara a cara com o suspeito e outro consigo.

— Com o suspeito, não posso garantir. Sabe que não, — continuou Eve antes de Nadine a interromper. — O réu tem o direito de escolher os seus meios de comunicações, ou de negar-se a todos. O melhor que posso fazer é sugerir, talvez até encorajar.

— Quero fotografias. Não me diga que não as pode garantir. Conseguo arranjar uma forma de me arranjar o vídeo da detenção. Quero estar no local.

— Quando chegar a altura, logo vejo. Em troca, quero tudo o que tiver, todas as dicas que souber, até rumores, ou pistas de uma história. Não quero boletins surpresa.

Nadine chupou a massa entre os lábios. — Não posso garantir, — disse, meiga. — Os meus contactos têm uma agenda muito própria.

— O que souber, quando souber, — disse Eve, com firmeza. — E tudo o que vier a lume na espionagem entre meios de comunicação. — Perante a expressão inocente de Nadine, Eve roncou. — As estações espiam outras estações, os jornalistas espiam outros jornalistas. O que mais ordena é levar a história para o ar primeiro. Tem uma boa média de concretização, Nadine, senão nem me dava ao trabalho de vir ter consigo.

— É recíproco. — Nadine bebia o vinho. — E o mais importante, confio em si, apesar de não ter gosto nenhum para o vinho. Nem sequer chega perto do mijo de cavalo.

Eve recostou-se e deu uma gargalhada. Sentia-se bem e à vontade, e quando Nadine respondeu com um sorriso, chegaram a acordo.

— Deixe-me ver o que tem, — pediu Nadine. — Eu deixo-lhe ver o que eu tenho.

— A maior coisa que tenho, — começou Eve, — é um chapéu-de-chuva desaparecido.

Eve encontrou-se com Feeney no apartamento de Cicely Towers às dez horas, da manhã seguinte. Um olhar para a sua expressão de cão abandonado e percebeu logo que as notícias não iam ser boas.

— Em que parede é que bateste?

— Na teleligação. — Esperou até Eve desarmar a segurança policial na porta, e seguiu-a até ao interior. — Fez imensas transmissões, e mantinha o aparelho em gravação automática. A tua etiqueta estava no disco.

— É verdade. Levei-o como prova. Estás a tentar dizer-me que ninguém a contactou para combinar um encontro no Cinco Luas?

— Estou a tentar dizer-te que não sei dizer. — Contrariado, Feeney passou a mão pelo cabelo fino. — A última chamada que recebeu foi às onze e meia, a transmissão acabou às onze e quarenta e três.

— E?

— Apagou a gravação. Posso conseguir saber o tempo, mas é só. As comunicações, áudio e vídeo, estão apagadas. Ela apagou-as, — prosseguiu. — Deste equipamento.

— Apagou a chamada, — murmurou Eve e começou a caminhar de um lado para o outro. — Porque é que ela faria uma coisa dessas? Tinha o aparelho no automático; é a norma para os agentes legislativos, até para as chamadas pessoais. Mas ela apagou esta. Porque não queria registo algum de quem ligou e porquê.

Virou-se. — Tens a certeza que ninguém mexeu no disco depois de ser recolhido como prova?

Feeney parecia magoado, até insultado. — Dallas, — foi a única coisa que disse.

— Ok, ok, então ela eliminou-a antes de sair. Isso diz-me que não estava com receio, pessoalmente, mas que se queria proteger, ou a outra pessoa. Se tivesse a ver com um caso, acho que haveria de a querer registar. Teria assegurado a todo o custo que ficava registada.

— Diria que sim. Se fosse um bufo, ela podia ter inserido o código privado, mas não faz muito sentido apagá-la.

— De qualquer forma, vamos verificar os casos dela, bem atrás no tempo. — Não precisava de olhar para ele para saber que Feeney revirava os olhos. — Deixa-me pensar, — murmurou. — Ela saiu da Câmara Municipal às dezanove e vinte e seis. Isso está registado. E várias testemunhas viram-na. A sua última paragem foi no clube das mulheres, onde se refrescou para

a noite e conversou com uma sócia. A sócia contou-me que se encontrava calma, mas bem-disposta. Tivera um bom dia no tribunal.

— Fluentes está a ganhar terreno. Foi ela que montou os alicerces do caso. Deixá-la de fora do caso não vai mudar isso.

— Ele pode ter sido de outra opinião. Depois vemos isso. Ela não voltou. — Franzindo o sobrolho, Eve perscrutou a sala. — Não teve tempo, por isso foi logo para o restaurante encontrar-se com Hammett. Passei por lá. A história dele e as horas que mencionou coincidem com o que os empregados contaram.

— Andaste ocupada.

— O tempo urge. O *maitre* chamou-lhe um táxi, *Rapid*. Apanharam-no às vinte e uma e quarenta e oito. Começou a chover.

Na sua mente, Eve tentava imaginar. O belo casal, no banco de trás do táxi, a conversar, talvez de dedos enlaçados, enquanto o táxi zarpava pela alta da cidade, as gotas de chuva a bater no tejadilho. Ela usava um vestido vermelho e o casaco a condizer, segundo o empregado que os serviu. Cores poderosas para o tribunal, que envergara com belas pérolas e sapatos de salto prateados para sair à noite.

— O táxi deixou-a primeiro, — prosseguiu Eve. — Disse a Hammett para não sair, para quê molhar-se? Ria-se ao correr para o prédio, depois virou-se e atirou-lhe um beijo.

— O seu relatório diz que eram íntimos.

— Ele amava-a. — Mais por hábito do que por necessidade, mergulhou a mão no saco que Feeney lhe estendia. — Não quer dizer que não a tenha matado, mas amava-a. Segundo ele, ambos estavam felizes com o acordo que tinham, mas... — Ergueu os ombros. — Se ele não estava, e queria montar um bom álibi, fez uma encenação romântica e simpática. Não acredito muito, mas ainda é cedo. Mas ela sobe, — continuou Eve, avançando para a porta. — Tem o vestido molhado, por isso vai até ao quarto pendurá-lo.

Ao falar, Eve seguia a rota projectada, passando por cima dos lindos tapetes do quarto espaçoso com as cores apaziguadoras e a adorável cama antiga.

Acendeu as luzes para iluminar o quarto. Os escudos policiais nas janelas não só frustravam os *voadores*, como também bloqueavam quase toda a luz solar.

— Para o armário, — disse ela e premiu o botão que abria as enormes portas de correr, espelhadas. — Pendura o fato. — Eve apontou para o vestido vermelho e o casaco, cuidadosamente dispostos num guarda-fatos feito à medida num leque de cores. — Guarda os sapatos, veste o roupão.

Eve virou-se para a cama. Em cima, encontrava-se espalhado um

imenso aglomerado de marfim. Não estava dobrado, nem sequer disposto com apurmo como o resto do quarto, mas amarrotado, como se tivesse sido atirado com impaciência.

— Põe as jóias no cofre na parede lateral do guarda-fatos, mas não se vai deitar. Talvez tenha saído para saber novidades, para beber qualquer coisa antes de dormir.

Com Feeney atrás, Eve voltou para a sala de estar. Uma pasta, cuidadosamente fechada, estava pousada sobre a mesa diante do sofá, na companhia de um único copo vazio.

— Quer descontraír, talvez até pensar um pouco durante a noite, ensaiando a estratégia de tribunal para o dia seguinte, ou a planear o casamento da filha. A teleligação toca. Quem quer que fosse, fá-la sair. Estava pronta a ficar em casa, mas volta ao quarto, depois de ter apagado o registo. Veste-se novamente. Outro fato de trabalho. Vai para o West End. Não se quer misturar, quer exalar autoridade, confiança. Não chama um táxi. Isso seria outro registo. Decide que vai de metro. Está a chover.

Eve avançou para um armário embutido na parede ao lado da porta da frente e empurrou-o para que se abrisse. Lá dentro estavam casacos, xai-les, um sobretudo de homem, que suspeitava ser de Hammett, e uma frota de chapéus-de-chuva de várias cores.

— Pega no chapéu-de-chuva que comprou a condizer com a roupa. É automático, a sua mente está em sintonia. Não leva muito dinheiro, por isso não é um encontro de chantagem. Não liga a ninguém, porque quer resolver o assunto sozinha. Mas ao chegar ao Cinco Luas, não aparece ninguém. Vai-se embora alguns minutos depois da uma, de novo à chuva. Tem o chapéu-de-chuva e começa a dirigir-se para o metro. Imagino que estivesse em brasa.

— Uma mulher de classe, à espera uma hora numa espelunca para levar a banhada. — Feeney pegou noutra amêndoa. — Pois, aposto que sim.

— Então, vai-se embora. Está a chover muito. Abre o chapéu-de-chuva. Apenas avança alguns metros. Alguém a espera. Provavelmente manteve-se por perto aquele tempo todo. Talvez tivessem discutido, mas não se alongam, não há tempo. Não está ninguém na rua, pelo menos ninguém que prestasse atenção. Alguns minutos depois, ela fica com a garganta aberta, a sangrar no passeio. Será que ele tinha aquilo planeado?

— Muita gente anda com facas naquela zona. — Pensativo, Feeney esfrega o queixo. — Quanto a isso não é necessária nenhuma premeditação. Ao contrário das horas, da emboscada. Pois, é isso que me parece.

— A mim também. Um golpe. Sem ferimentos de defesa, por isso nem teve tempo de se sentir ameaçada. O assassino não leva as jóias, a mala de pele, os sapatos ou os créditos. Leva só o chapéu-de-chuva, e afasta-se.

— Porquê o chapéu-de-chuva?

— Bolas, está a chover. Não sei, por impulso, como recordação. Segundo me parece, foi só um erro que cometeu. Pus batedores à procura numa área de dez quarteirões, para descobrir se o deitou fora.

— Se o fez nesta zona, algum janado deve andar a passear de chapéu-de-chuva roxo.

— Pois. — A imagem quase a fez rir. — Como é que ele ia saber que ela ia apagar o registo, Feeney? Tinha de ter a certeza.

— Ameaça?

— Uma procuradora passa a vida a sofrer ameaças. Uma como Towsers devia sacudi-las como pó.

— Se fosse ela o alvo, — concordou ele. — Tem filhos. — Acenou na direcção dos hologramas nas molduras. — Não era só advogada. Era mãe.

Franzindo o sobrolho, Eve foi até aos hologramas. Curiosa, pegou num que mostrava o rapaz e a rapariga juntos, como jovens adolescentes. Uma passagem do dedo na parte de trás activou o som de forma inesperada.

Hei, senhora importante. Feliz Dia da Mãe. Isto vai durar mais do que as flores. Amamos-te.

Estranhamente perturbada, Eve pousou a moldura. — Agora já são adultos. Já não são nenhuma criança.

— Dallas, uma vez pai, sempre pai. A missão nunca mais tem fim.

A dela tivera, pensava. Há muito tempo atrás.

— Nesse caso, a minha próxima paragem é Marco Angelini.

Angelini tinha escritórios no edifício de Roarke, na Quinta avenida. Eve entrou agora na recepção familiar com os enormes mosaicos e as boutiques dispendiosas. As vozes metálicas dos guias informatizados ofereciam ajuda para vários locais. Olhou para um dos mapas apresentados e, ignorando as passadeiras, caminhou até aos elevadores na face sul.

O tubo de vidro disparou-a até ao quinquagésimo oitavo andar, abrindo-se para uma solene tapete cinzento e paredes brancas ofuscantes.

As Exportações Angelini ocupavam uma suite de cinco escritórios naquele local. Após uma olhadela breve, Eve reparou que a empresa era de pouca monta, em comparação com as Indústrias Roarke.

Mas também, pensou com um sorriso apertado, o que é que não era?

A rececionista na área de boas-vindas mostrou grande respeito e alguns nervos, ao ver o distintivo de Eve. Resmungou e engoliu em seco de tal

forma que Eve se perguntou se a mulher teria uma remessa de substâncias ilegais na gaveta da secretária.

Mas o medo da polícia urgiu-a a levar Eve ao gabinete de Angelini, passados menos de noventa segundos desde que chegou.

— Sr. Angelini, agradeço o seu tempo. Os meus pêsames pela sua perda.

— Obrigado, tenente Dallas, queira sentar-se.

Não era elegante, como Hammett, mas era poderoso. Um homem pequeno, de constituição sólida e cabelo liso penteado com aprumo para trás, com uma poupa proeminente. A sua pele era de um dourado vago e pálido, os olhos brilhantes, esferas duras de um azul-celeste por baixo das sobranceiras espessas. Tinha o nariz comprido, lábios finos e o brilho de um diamante na sua mão.

Se o luto tomava conta dele, o ex-marido escondia-o melhor do que o fizera o amante.

Estava sentado a uma secretária ao estilo consola, macia como cetim. Sobre ela não havia nada, à excepção das suas mãos imóveis e enlaçadas. Por trás, uma janela fosca que bloqueava os raios UV, ao mesmo tempo que abria alas sobre a vista de Nova Iorque.

— Veio por causa de Cicely.

— Sim, tinha esperança que me desse alguns minutos para responder a umas perguntas.

— Tem a minha total colaboração, tenente. Eu e Cicely éramos divorciados, mas continuávamos em parceira, nos negócios e na qualidade de pais. Admirava-a e respeitava-a.

Sentiu na voz dele um vislumbre do seu país de origem. Um ligeiro murmúrio. Lembrava-a que, segundo o dossiê dele, Marco Angelini passara grande parte da sua vida em Itália.

— Sr. Angelini, consegue dizer-me qual foi a última vez que viu ou falou com a procuradora Towers?

— Vi-a a dezoito de Março, em minha casa, em Long Island.

— Ela foi a sua casa.

— Sim, para os vinte e cinco anos do meu filho. Organizámos uma festa para ele juntos, tirando partido da minha propriedade, como seria mais conveniente. David, o nosso filho, fica lá muitas vezes quando vai à Costa Leste.

— Não a viu desde essa altura.

— Não, andámos muito ocupados, mas planeávamos um encontro para daqui a uma ou duas semanas, para falarmos dos planos do casamento de Mirina. A nossa filha. — Pigarreou de forma cortês. — Passei o mês de Abril quase todo na Europa.

— Ligou à procuradora na noite em que morreu.

— Sim, deixei mensagem para ver se ela podia almoçar comigo, ou ir beber alguma coisa, conforme lhe desse mais jeito.

— Para falarem do casamento, — interrompeu Eve.

— Sim, sobre o casamento de Mirina.

— Falou com a procuradora Towers entre o dia dezoito de Março e a noite em que morreu?

— Várias vezes. — Abriu os dedos e voltou a enlaçá-los. — Como disse, tínhamos um relacionamento de parceria. Tínhamos os miúdos e alguns interesses de negócios.

— Incluindo a Mercury.

— Sim. — Os lábios esboçaram uma ligeira curva. — Você é... conhecida de Roarke.

— É verdade. Você e a sua ex-esposa alguma vez discordaram em relação à parceria, a nível pessoal ou profissional?

— Naturalmente que sim, a ambos os níveis. Mas aprendemos, uma vez que não conseguimos fazê-lo no nosso casamento, a dar valor ao compromisso.

— Sr. Angelini, quem herda a parte da procuradora Towers na Mercury, na ocorrência da sua morte?

Ergueu a sobrancelha. — Sou eu, tenente, segundo os termos no nosso contrato empresarial. Também há algumas acções numa imobiliária que revertem a meu favor. Foi uma decisão do nosso acordo de divórcio. Eu ficaria à frente dos seus interesses, ia aconselhá-la nos investimentos. Na ocorrência da morte de um dos dois, os interesses e os lucros ou prejuízos iriam reverter para o outro. Veja, ambos concordámos, e confiámos que no final de contas, tudo o que tivéssemos de valor fosse para os nossos filhos.

— E o resto dos bens dela. O apartamento, as jóias, os pertences que não faziam parte do seu acordo?

— Bom, presumo que sejam para os nossos filhos. Imagino que haveria algumas doações a amigos pessoais ou obras de caridade.

Eve ia investigar a fundo para saber quanto é que Towers amealhara.

— Sr. Angelini, tem noção de que a sua ex-mulher tinha uma relação íntima com George Hammett?

— Certamente.

— E isso não constituía... problema?

— Problema? Quer dizer, tenente, se eu, depois de quase doze anos de divorciados, montei um plano baseado num ciúme homicida à minha ex-mulher? E se degolei a mãe dos meus filhos, deixando-a morrer na rua?

— Mais ou menos isso, por outras palavras, Sr. Angelini.

Entre dentes, ele murmurou algo em italiano. Algo que Eve suspeitava não ser nada elogioso. — Não, não matei Cicely.

— Pode informar-me do seu paradeiro na noite em que ela morreu?

Conseguia ver o seu maxilar tenso e reparou no controlo que foi preciso exercer para o voltar a descontraír, sem nunca pestanejar. Imaginava que ele era capaz de trespassar ferro com o olhar.

— Estive em minha casa, das oito em diante.

— Sozinho?

— Sim.

— Viu ou falou com alguém que o possa confirmar?

— Não. Tenho duas empregadas domésticas, e ambas saíram de folga, e foi por isso que fiquei em casa. Queria passar uma noite de sossego e privacidade.

— Não fez qualquer chamada, nem recebeu nenhuma durante a noite?

— Recebi uma chamada por volta das três da manhã do comandante Whitney, a informar da morte da minha mulher. Estava deitado, sozinho, quando atendi.

— Sr. Angelini, a sua ex-mulher estava numa espelunca do West End à uma da manhã. Porquê?

— Não faço ideia. Nenhuma, mesmo.

Mais tarde, Eve entrou no tubo de vidro para descer, e ligou a Feeney. — Quero saber se Marco Angelini estava nalguma espécie de apertão financeiro, e quanto desse apertão teria ficado bem mais aliviado com a morte súbita da ex-mulher.

— Cheira-te a alguma coisa, Dallas?

— Alguma coisa, — matutou. — Só não sei a quê.

Eve entrou no apartamento aos tropeções quase à uma da manhã. Tinha a cabeça a zumbir. A ideia de Mavis ir jantar na sua noite de folga tomara a forma de invasão do clube rival. Já ciente de que ia pagar pela diversão daquela noite na manhã seguinte, Eve despiu-se a caminho da casa de banho.

Pelo menos a saída nocturna com Mavis tirara-lhe o caso Towers da cabeça. Eve podia preocupar-se por já não ter a cabeça no lugar, mas estava demasiado cansada para matutar nisso.

Caiu nua, de barriga para baixo, em cima da cama e adormeceu em segundos.

Eve acordou, violentamente excitada.

Eram as mãos de Roarke no seu corpo. Conhecia a textura e o ritmo. O seu coração batia de encontro às costelas, saltando para a garganta, ao sentir que a boca dele cobria a sua. A dele ávida, quente, não lhe dando hipótese, hipótese alguma de ter qualquer tipo de reacção. Mesmo quando murmurou o seu nome, aqueles dedos compridos e sábios trespassavam-na, mergulhando nela, até arquear no frenesim do orgasmo.

A boca dele no seu seio, chupando, os dentes firmes. As mãos elegantes incansáveis, até se ouvirem os gritos dela em gemidos de choque e gratidão. Outro clímax avassalador que cobria o anterior.

As mãos dela procuravam agarrar-se nos lençóis enrolados, mas nada a podia suster. Ao erguer-se de novo, agarrou-o, as unhas arranhando-lhe as costas, subindo para agarrar uma mão-cheia de cabelo.

— Céus! — Foi a única palavra coerente que conseguiu reproduzir, ao senti-lo mergulhar dentro de si, tão duro, tão profundo que se admirou não morrer do prazer que lhe dava. O seu corpo estremecia indefeso, frenético, continuando trémulo mesmo depois de ele se esvair sobre ela.

Ele soltou um suspiro demorado e satisfeito, mordiscando-lhe a orelha, dormente. — Desculpa ter-te acordado.

— Roarke? Oh, eras tu?

Ele mordeu-a.

Ela sorriu, baixinho, no escuro. — Pensava que só ias voltar amanhã.

— Tive sorte. Depois segui o teu rasto até ao quarto.

— Saí com Mavis. Fomos a um sítio chamado Armageddon. Estou

a começar a recuperar a audição. — Afagou-lhe as costas, bocejando com vigor. — Ainda não é de manhã, pois não?

— Não. — Reconhecendo o cansaço na sua voz, desviou-se, pegou na roupa e beijou-lhe a têmpora. — Dorme, Eve.

— Ok. — Acedeu em menos de dez segundos.

Ele acordou ao nascer da aurora e deixou-a aninhada no meio da cama. Na cozinha, programou o *AutoChef* para fazer o café e um bolo torrado. O bolo estava seco, mas já era de esperar. Ambientando-se, sentou-se diante do monitor da cozinha e passou os olhos pela secção financeira do jornal.

Não se conseguia concentrar.

Tentava não se ressentir do facto de ela ter escolhido a cama dela, em vez da deles. Ou o que gostava de imaginar como a cama deles. Não lhe levava a mal a sua necessidade de espaço pessoal; compreendia bem a necessidade de privacidade. Mas a sua casa era bastante grande, ao ponto de ela ter uma ala só para si, se quisesse.

Afastando-se do monitor, caminhou até à janela. Não estava habituado àquela luta, à guerra para equilibrar as suas necessidades com as de outra pessoa. Crescera a pensar primeiro e sempre em si. Tivera de ser, para sobreviver e depois para ser bem sucedido. Uma coisa era tão importante para ele quanto a outra.

O hábito era difícil de quebrar, ou já fora, até aparecer Eve.

Era humilhante admitir, até para si mesmo, que sempre que se ausentava para tratar de negócios, uma semente de medo aninhava-se no seu coração, perante a possibilidade de ela se ter afastado dele, ao regressar.

O simples facto era que ele precisava da única coisa que ela lhe recusara. Um compromisso.

Virando costas à janela, voltou para o monitor e obrigou-se a ler.

— Bom-dia, — disse Eve da porta. O seu sorriso era breve e luminoso, tanto do prazer de o ver como da constatação de a sua visita ao Armageddon não ter as consequências que temia. Sentia-se lindamente.

— Os teus bolos estão secos.

— Mmm. — Tentou provar um pedaço do que estava em cima da mesa. — Tens razão. — O café sempre fora uma aposta melhor. — Há alguma coisa nas notícias com que me deva preocupar?

— Estás apreensiva com a venda da Treegro?

Eve esfregava um olho enquanto bebia a primeira chávena de café. — O que é a Treegro e quem é que a vai comprar?

— Treegro é uma empresa de reflorestação, daí o nome adorável. Sou eu que a vou comprar.

Ela grunhiu. — Já imaginava. Estava mais a pensar no caso Towers.

— O funeral de Cicely está marcado para amanhã. Era uma pessoa importante, e católica, de forma que conseguiu a Catedral de S. Patrício.

— Vais?

— Se conseguir adiar alguns compromissos. E tu?

— Vou. — Pensativa, Eve encostou-se ao balcão. — Talvez o assassino apareça.

Estudava-o ao perscrutar o monitor. Ele tinha um ar deslocado na sua cozinha, pensou, naquela camisa de linho cara, meticulosamente feita à medida e com uma melena de cabelo farto puxada para trás, descobrindo aquele rosto fantástico.

Continuava à espera que ele se revelasse deslocado, com ela.

— Algum problema? — murmurou ele, ciente de que ela o fitava.

— Não. Só estava a pensar. Como raio é que conheces o Angelini?

— Marco? — Roarke franzia a testa por causa de algo que viu no monitor, ao que tirou o bloco de notas e inseriu uma anotação. — Os nossos caminhos cruzam-se muitas vezes. Normalmente, é um homem de negócios cauteloso, sempre um pai dedicado. Prefere passar o tempo em Itália, mas a sua base de poder está aqui em Nova Iorque. Contribui de forma generosa para a Igreja Católica.

— Ao que parece, tem vantagens financeiras com a morte de Towers. Talvez seja uma coisa de nada, mas Feeney está a investigar.

— Podias ter-me perguntado, — murmurou Roarke. — Tinha dito logo que Marco está em sarilhos. Não de forma desesperada, — corrigiu, ao ver os olhos de Eve aguçarem-se. — Fez algumas aquisições irreflectidas no último ano, ou coisa assim.

— Disseste que era cauteloso.

— Disse que normalmente o era. Comprou vários artefactos religiosos sem os autenticar devidamente. O seu zelo suplantou o seu senso empresarial. Eram falsificações, e os prejuízos foram imensos.

— De que forma?

— Mais de três milhões. Posso dar-te números exactos, se for necessário. Vai recuperar, — acrescentou Roarke, encolhendo os ombros aos três milhões de dólares, ao que Eve sabia nunca se conseguir habituar. — Tem de se concentrar e conquistar uma certa humildade. Diria que o seu orgulho foi mais atingido do que o seu portfólio.

— Quanto vale a parte de Towers na Mercury?

— No mercado actual? — Pegou no diário de bolso e digitou alguns números. — Algures entre cinco e sete.

— Milhões?

— Sim, — afirmou Roarke, com um sorriso vago. — Claro.

— Deus do Céu. Não admira que vivesse como uma rainha.

— Marco arranhou-lhe investimentos muito bons. Queria que a mãe dos seus filhos tivesse uma vida confortável.

— Eu e tu temos noções completamente diferentes de conforto.

— Aparentemente. — Roarke guardou o diário e levantou-se para ir buscar mais café para os dois. Um airbus passou com ruído pela janela, atrás de uma frota de expressos privados. — Suspeitas que Marco a matou para recuperar dos prejuízos?

— O dinheiro é um motivo que nunca passa de moda. Entrevistei-o ontem. Sabia que havia alguma coisa que não batia certo. Mas agora começa a bater.

Pegou no café fresco que ele lhe ofereceu e caminhou até à janela, onde o ruído aumentava, afastando-se de novo. O roupão dela deslizava-lhe pelo ombro. Sem pensar, Roarke ajustou-o no devido lugar. Era frequente os passageiros aborrecidos levarem binóculos de longo alcance para apanharem uma oportunidade daquelas.

— E temos o divórcio amigável, — prosseguiu ela, — mas quem terá tomado a iniciativa? O divórcio é complicado para os católicos, quando envolve crianças. Não têm de arranjar uma espécie de autorização?

— Dispensa, — corrigiu Roarke. — Uma história complicada, mas tanto Cicely como Marco têm ligações à hierarquia.

— Ele não voltou a casar, — lembrou Eve, pousando o café. — Não encontrei indícios nem de um laivo de relacionamento estável ou sério. Mas Towers mantinha uma relação íntima e duradoura com Hammett. O que é que Angelini achava de a mãe dos seus filhos andar enrolada com um parceiro de negócios seu?

— Se fosse eu, matava o parceiro.

— Isso és tu, — disse Eve com um olhar fugidio. — E imagino que matasses ambos.

— Conheces-me bem de mais. — Foi ter com ela e pousou as mãos nos seus ombros. — A nível financeiro, podemos considerar que fosse qual fosse a quota de Cicely na Mercury, a de Angelini é equivalente. Tinham quotas iguais.

— Merda. — Mostrava resistência. — Ainda assim, dinheiro é dinheiro. Tenho de seguir essa pista até aparecer outra. — Ele continuava de pé, as mãos apoiadas nos seus ombros, os olhos nos dela. — Estás a olhar para onde?

— Para o brilho nos teus olhos. — Levou os seus lábios aos dela uma, e outra vez. — Percebes, até entendo o Marco, porque me lembro como é estar do lado de lá daquele olhar, e daquela tenacidade.

— Não mataste ninguém, — lembrou ela. — Ultimamente.

— Ah, mas por uns tempos não tinhas a certeza, e ainda... te sentiste

atraída. Agora estamos... — O relógio dele apitou. — Bolas. — Beijou-a outra vez, apressado e distraído. — Vamos ter de deixar para depois. Tenho uma reunião.

Melhor assim, pensou Eve. O sangue-quente interferia com a mente lúcida. — Vemo-nos depois, então.

— Em casa?

Ela brincava com a chávina. — Na tua casa, claro.

A impaciência rondava os olhos dele, enquanto vestia o casaco. O pequeno volume no bolso lembrou-o. — Quase me esquecia. Trouxe-te um presente da Austrália.

Com uma certa relutância, Eve pegou na pequena caixa dourada. Ao abri-la, a relutância perdeu-se. Não havia lugar para ela com o pânico do choque. — Valha-me Deus santíssimo, Roarke. Enlouqueceste?

Era um diamante. Tanto quanto sabia, e não havia margem para dúvidas. A pedra vinha acompanhada de uma corrente torcida de ouro e de um tom de fogo brilhante. Em forma de lágrima, era tão comprida e grande como a articulação de um polegar humano.

— Chamam-lhe a Lágrima do Gigante, — disse ele, ao tirá-lo casualmente da caixa para lhe passar a corrente sobre a cabeça. — Foi descoberto há cerca de cento e cinquenta anos. Apareceu por acaso em leilão, quando estava em Sidney. — Recuou e estudou as suas faíscas fascinantes, em contraste com o roupão azul simples que ela tinha vestido. — Sim, condiz contigo. Pareceu-me que sim. — Depois olhou para o rosto dela e sorriu. — Oh, estou a ver que estavas a contar com kiwis. Bom, fica para a próxima. — Ao debruçar-se para lhe dar um beijo de despedida, estacou com o golpe da mão dela no seu peito. — Algum problema?

— Isto é de loucos. Não estás à espera que aceite uma coisa destas.

— De vez em quando usas jóias. — Para provar o que dizia, passou o dedo pela argola de ouro na sua orelha.

— Pois, e compro-as na loja da esquina a prestações.

— Eu não, — retorquiu, com à-vontade.

— Ficas tu com ele.

Começou a puxar a corrente, mas ele fechou as mãos sobre as dela. — Não combina com o meu fato. Eve, um presente não devia deixar-te pálida. — Num gesto brusco e exasperado, abanou-a. — Chamou-me a atenção, e estava a pensar em ti. Raios partam, estou sempre a pensar em ti. Comprei-o porque te amo. Jesus Cristo, quando é que vais engolir isso?

— Não me vais fazer uma coisa destas. — Convencia-se de que estava calma, muito calma. Porque tinha razão, muita razão. O temperamento dele não a preocupava, já o vira inflamar outras vezes. Mas a gema pesava-lhe no pescoço, e sentia uma imensa apreensão pelo que ela representava.

— Fazer o quê, Eve? Exactamente o quê?

— Não me vais dar diamantes. — Aterrorizada e furiosa, empurrou-o.
— Não me vais pressionar a aceitar o que não quero, nem a ser o que não posso ser. Achas que não sei o que tens andado a fazer nos últimos meses? Pensas que sou estúpida?

Os olhos dele faiscaram, com uma intensidade igual à da gema entre os seios dela. — Não, não acho que sejas estúpida. Acho que és covarde.

O punho dela ergueu-se automaticamente. Oh, como ia adorar usá-lo para lhe arrancar aquele sorriso irónico da cara. Se ele não tivesse razão, era o que teria feito. Por isso, usou outras armas.

— Achas que podes levar-me a depender de ti, a habituar-me a viver naquela fortaleza gloriosa coberta de sedas. Bom, não quero saber de nada disso.

— Estou bem ciente do que pensas.

— Não preciso da tua comida fina nem dos presentes caros, ou das palavras bonitas. Estou a ver o padrão, Roarke. Dizer amo-te em intervalos regulares até ela aprender a responder. Como um animal de estimação, bem amestrado.

— Como um animal de estimação, — repetiu ele, ao sentir que a fúria se tornava gelo. — Estou a ver que me enganei. És estúpida. Achas mesmo que isto tem a ver com poder e controlo? Como quiseres. Estou cansado de te ver atirar os meus sentimentos à cara. O erro foi meu por permitir, mas ainda vou a tempo.

— Eu nunca...

— Não, tu nunca, — interrompeu abruptamente. — Nunca arriscaste o teu orgulho ao me devolveres aquelas palavras. Manténs-te num lugar de refúgio em vez de assumires o compromisso de ficar comigo. Eu deixei que impusesses os limites, Eve, mas agora tenho de os emendar. — Agora não era só o temperamento que o movia, nem sequer era só dor. Era a verdade. — Quero tudo, — disse, com franqueza. — Ou nada.

Ela não ia entrar em pânico. Ele não a levaria a isso, como o novato na primeira noite de assalto. — O que é que isso quer dizer exactamente?

— Quer dizer que sexo não é suficiente.

— Não é só sexo. Sabes...

— Não sei, não. Agora a escolha é tua... sempre foi. Mas agora terás de vir ter comigo.

— Fico danada com ultimatoss.

— É uma pena. — Ele lançou-lhe um derradeiro olhar demorado.
— Adeus, Eve.

— Não podes simplesmente ir...

— Posso sim. — E não olhou para trás. — Posso.

A boca dela abriu-se ao ouvir a porta bater. Por momentos deixou-se ficar imóvel, o Sol a brilhar na jóia à volta do pescoço. Depois, começou a vibrar. De fúria, claro, convencia-se, e arrancou o precioso diamante para o atirar sobre o balcão.

Ele pensava que ia rastejar atrás dele, a suplicar que ficasse. Bom, bem podia ficar à espera até ao próximo milénio. Eve Dallas não rastejava, e não suplicava.

Fechou os olhos para contrariar uma dor mais avassaladora do que um golpe de laser. *Quem era Eve Dallas?* perguntava-se. *E não é esse o cerne da questão?*

Bloqueou o sucedido. Teria outra escolha? O trabalho estava em primeiro lugar. Tinha de estar. Se não fosse boa polícia, não era mais nada. Era tão vazia e inútil como em criança, perdida e traumatizada num beco escuro de Dallas.

Era capaz de se enterrar no trabalho. As exigências e as pressões. Quando estava no gabinete do comandante Whitney, era só uma polícia com um homicídio em mãos.

— Ela tinha muitos inimigos, comandante.

— Como todos nós. — Os seus olhos estavam mais límpidos, atentos. O sofrimento nunca podia suplantar a responsabilidade.

— Feeney elaborou uma lista das condenações dela. Estamos a passá-las a pente fino, concentrando-nos primeiro nas penas perpétuas, familiares e conhecidos identificados. Alguém que tenha posto na gaiola por esse tempo todo deve ter um índice de vingança maior. A seguir na lista estão os de pequeno delito. Os detidos em prisão preventiva por vezes escorregam pelas fendas. Ela conseguiu condenar muitos com alegação de insanidade mental, e muitos já devem ter saído entretanto.

— É muito tempo de computador, Dallas.

Era um aviso subtil sobre orçamentos, que ela optou por ignorar. — Agradeço por ter colocado Feeney a ajudar-me no caso. Não ia conseguir sem ele. Comandante, estas listagens são essenciais para a investigação, mas não me parece que se trate de um ataque à procuradora.

Ele recostou-se, inclinando a cabeça, à espera.

— Acho que foi pessoal. Ela estava a encobrir alguma coisa. Por ela, por alguém. Apagou o registo da teleligação.

— Li o seu relatório, tenente. Está a afirmar que a procuradora Towers estava envolvida em algo ilegal?

— Está a perguntar-me como amiga ou como meu comandante?

Ele rangeu os dentes antes de se conseguir controlar. Após uma breve

luta interna de vontades, acenou. — Bem visto, tenente. Como seu comandante.

— Não sei se era ilegal. Nesta fase da investigação, acho que havia alguma coisa naquela gravação que a vítima queria manter privado. Era tão importante para que se vestisse e saísse de novo à chuva para se encontrar com alguém. Quem quer que fosse, tinha a certeza que ela ia sozinha e que não ia deixar registo do contacto. Comandante, preciso de falar com o resto da família da vítima, os amigos chegados, a sua esposa.

Ele aceitara esse facto, ou tentara. Ao longo da sua carreira, trabalhara muito para manter os entes queridos longe do trabalho, por vezes desagradável. Agora tinha de os expor.

— Tem a minha morada, tenente. Vou contactar agora a minha esposa, a avisar da sua visita.

— Sim, senhor. Obrigada.

Anna Whitney fizera uma bela casa da vivenda de dois andares na rua sossegada, dos subúrbios de White Plains. Criara ali os filhos, e criara-os bem, escolhendo a profissão de mãe, em detrimento de uma carreira de professora. Não fora o salário do Estado para os pais a tempo inteiro que a levava a tomar essa decisão. Fora sim a emoção de estar presente em todas as fases do desenvolvimento dos filhos.

Merecera o salário. Agora, com os filhos crescidos, gozava a reforma colocando a mesma dedicação a cuidar da casa, do marido, da sua reputação de anfitriã. Sempre que podia, enchia a casa de netos. À noite, enchia-a com os jantares festivos.

Anna Whitney odiava a solidão.

Mas estava sozinha quando Eve chegou. Como sempre, estava perfeitamente cuidada: os cosméticos aplicados com aprumo e perícia, e o cabelo louro-pálido penteado num estilo apanhado atrás que se ajustava ao seu rosto atraente.

Vestia um fato completo de bom algodão americano, e estendia a mão adornada apenas por uma aliança de casada, ao receber Eve.

— Tenente Dallas, o meu marido disse que vinha.

— Desculpe a invasão, Sra. Whitney.

— Não peça desculpa. Sou mulher de um polícia. Entre. Fiz limonada. Lamento, mas é de barra. Fresca ou congelada é tão difícil de encontrar. Ainda é cedo para limonada, mas hoje deu-me cá uma vontade.

Eve deixou Anna tagarelar, enquanto entravam na sala de estar formal, com as poltronas de costas rígidas e o sofá de linhas rectas.

A limonada estava boa, e Eve disse isso mesmo ao prová-la.

— Sabe que o funeral é amanhã às dez horas.

— Sim, senhora. Estarei lá.
— Já chegaram tantas flores. Tratamos de as distribuírem depois... mas não é por isso que está aqui.
— A procuradora Towers era uma grande amiga sua.
— Era uma boa amiga minha e do meu marido.
— Os filhos dela estão consigo?
— Sim, estão... foram agora mesmo com Marco, falar com o arcebispo sobre o funeral.
— São próximos do pai.
— Sim.
— Sra. Whitney, porque é que eles estão aqui, em vez de com o pai?
— Todos achámos que seria melhor. A casa, a casa de Marco, tem muitas recordações. Cicely viveu lá quando os miúdos eram pequenos. E também há os média. Não têm a nossa morada, e queria que os miúdos não tivessem de lidar com os jornalistas. Já caíram em cima do pobre do Marco. Claro que amanhã será diferente.

As suas mãos bonitas puxavam o joelho do fato, até que acalmou e as pousou novamente. — Vão ter de o encarar. Ainda estão em choque. Até Randall. Randall Slade. O noivo de Mirina. Era muito chegado a Cicely.

— Ele também cá está.
— Nunca deixaria Mirina sozinha numa altura destas. É uma jovem forte, tenente, mas até as mulheres fortes precisam de um braço em que se apoiar de vez em quando.

Eve bloqueou a imagem de Roarke que lhe saltou à cabeça. Como resultado do esforço, a sua voz ficou algo mais formal do que era hábito, ao conduzir Anna nas perguntas de rotina.

— Já perguntei a mim mesma vezes sem conta o que é que lhe passou pela cabeça para ir àquele bairro, — concluiu Anna. — Cicely podia ser teimosa, e sem dúvida que tinha ideias fixas, mas era raro ser impulsiva e nunca tola.

— Ela falava consigo, confiava em si.
— Éramos como irmãs.
— Acha que lhe contava, se estivesse com algum tipo de problema? Se alguém próximo dela estivesse em sarilhos?

— Pensava que sim. Primeiro, ia resolver o problema sozinha, ou pelo menos tentar. — Os seus olhos ficaram marejados, mas as lágrimas não caíram. — Mais cedo ou mais tarde ia acabar por desabafar comigo.

Se tivesse tempo, pensou Eve. — Não se lembra de nada que a preocupasse antes de morrer?

— Nada de importante. O casamento da filha, envelhecer. Estávamos sempre a brincar com a ideia de ela ser avó. Não, — disse Anna com uma

gargalhada, ao reconhecer o olhar de Eve. — Mirina não está grávida, apesar de a ideia agradar bastante à mãe dela. Também estava sempre preocupada com David: quando é que ia assentar? Estaria feliz?

— E estava?

Outra nuvem cobriu-lhe o olhar, antes de o descer. — David é muito parecido com o pai. Gosta da alta-roda. Viaja bastante a negócios, sempre à procura de novos investimentos, novas oportunidades. Não há dúvida que vai assumir a liderança, quando Marco decidir retirar-se.

Hesitou, como se estivesse prestes a acrescentar algo, mas depois, com subtileza, mudou de direcção. — Por outro lado, Mirina prefere assentar num sítio. É gerente de uma boutique em Roma. Foi lá que conheceu Randall. É estilista. A loja dela só vende a linha dele em exclusividade. Tem muito talento. Isto é dele, — disse ela, indicando o fato justo que usava.

— É lindo. Pelo que sabe, a procuradora Towers não tinha motivos para se preocupar com os filhos. Nada que se sentisse obrigada a encobrir ou a esconder?

— Esconder? Não, claro que não. Ambos são pessoas brilhantes e de sucesso.

— E o ex-marido. Está com problemas nos negócios?

— Marco? Está? — Anna encolheu os ombros. — Tenho a certeza que vai resolver tudo. Nunca partilhei o interesse de Cicely nos negócios.

— Então, ela estava envolvida neles. Directamente?

— Claro. Cicely insistia em saber exactamente o que se passava e em ter uma palavra a dizer. Nunca soube como conseguia ter tanta coisa na cabeça. Se Marco estava com dificuldades, ela saberia, e talvez tivesse sugerido meia dúzia de medidas para resolver as coisas. Era muito inteligente. — Ao sentir a voz quebrar, Anna levou as mãos aos lábios.

— Lamento, Sra. Whitney.

— Não, está tudo bem. Estou melhor. Ter aqui os filhos dela ajudou-me muito. Sinto que desta forma os posso apoiar por ela. Não posso fazer o que você faz, e ir à procura do seu assassino. Mas posso apoiar os filhos dela.

— Eles têm muita sorte por estar presente, — murmurou Eve, surpreendida por ouvir as suas próprias palavras sentidas. Era estranho, uma vez que sempre considerara Anna Whitney uma chata de primeira. — Sra. Whitney, pode falar-me do relacionamento da procuradora Towers com George Hammett?

Anna pensou por instantes. — Eram bons e queridos amigos.

— O Sr. Hammet contou-me que eram amantes.

Anna soltou um suspiro. Era tradicionalista, e não se envergonhava disso. — Muito bem, é verdade. Mas ele não era o homem certo para ela.

— Porquê?

— Tem uma forma de pensar muito própria. Gosto muito do George, e ele era uma excelente companhia de Cicely. Mas uma mulher não deve ser totalmente feliz, quando regressa quase todas as noites para um apartamento vazio, uma cama vazia. Ela precisava de um companheiro. George queria as duas coisas, e Cicely iludiu-se, pensando que também queria.

— E não queria.

— Não devia, — desabafou Anna, obviamente a repassar um argumento antigo. — O trabalho não chega, como lhe disse muitas vezes. Ela simplesmente não levava George a sério o bastante para arriscar.

— Arriscar?

— Estou a falar de risco emocional, — disse Anna, impaciente. — Vocês, polícias, são demasiado literais. Ela queria a vida arrumada, mais do que a confusão de um relacionamento com compromisso.

— Fiquei com a impressão de que o Sr. Hammett lamentava isso, que a amava muito.

— Se amava, porque é que não insistiu? — indagou Anna, sob a ameaça das lágrimas. — Ela já não teria morrido sozinha, pois não? Não estaria sozinha.

Eve pegou no carro e saiu do sossego dos subúrbios para, num impulso, estacionar o carro na berma e se afundar no banco. Precisava de pensar. Não em Roarke, assegurava-se. Em relação a isso, não havia nada em que pensar. Isso estava arrumado.

Acedendo a uma intuição, ligou o computador do escritório e pediu que investigasse David Angelini. Se era como o pai, talvez também tivesse feito alguns maus investimentos. Aproveitou e pesquisou Randall Slade e a boutique em Roma.

Se algo saltasse à vista, faria uma busca nos voos da Europa para Nova Iorque.

Raios, uma mulher que não tinha quaisquer preocupações não saía do seu apartamento quente e seco a meio da noite.

Insistindo, Eve reviu todos os passos na sua cabeça. Ao pensar com afincos, estudou o bairro. Árvores velhas e sobranceiras, belos pátios como pequenas imagens de postais, ladeados por vivendas de um ou dois andares.

Como seria crescer numa comunidade bonita e organizada? Será que tornava uma pessoa segura, confiante, da mesma forma que ser arrastada de quarto imundo para quarto imundo, de rua pestilenta para rua pestilenta a deixava agitada e nervosa?

Talvez por ali também existissem pais que se esgueiravam para o

quarto das filhas. Mas não queria acreditar. Ali, os pais não podiam cheirar a álcool barato e a suor acre, nem ter dedos grossos que se impunham na carne inocente.

Eve deu por si a embalar-se no banco e engoliu um soluço.

Não o faria. Não se ia lembrar. Não permitiria que aquele rosto a assombrasse no escuro, nem sentiria o gosto da mão sobre a sua boca para lhe abafar os gritos.

Não o faria. Tudo aquilo havia acontecido a outra pessoa, a uma menina cujo nome já nem se conseguia lembrar. Se tentasse, se permitisse que aquele nome aflorasse, ia tornar-se de novo naquela criança indefesa e perder Eve.

Deitou a cabeça para trás no banco e concentrou-se em se acalmar. Se não andasse às voltas com a autocomiseração, teria visto a mulher a partir o vidro ao lado do jipe modificado do outro lado da estrada, antes de cair o primeiro estilhaço.

Tal como estava, Eve franziu a testa, perguntando-se porque é que tinha de estacionar logo ali. E será que queria dar-se ao trabalho de lidar com toda a papelada intra-jurisdições?

Depois pensou na família simpática que ia chegar a casa e deparar-se com o roubo dos seus bens valiosos.

Com um suspiro longo e sofrido, saiu do carro.

Quando Eve chegou ao pé dela, a mulher estava com um pé dentro e outro fora da janela. O escudo de segurança havia sido desactivado com um *jammer* tosco, à venda em qualquer loja de electrónica. Abanando a cabeça pela ingenuidade suburbana, Eve deu uma palmada astuta no traseiro da ladra, que se esforçava por se esgueirar pelo orifício.

— Esqueceu-se do código, senhora?

A resposta dela foi um coice no seu ombro esquerdo. Eve achou que teve sorte, por não lhe ter acertado na cara. Ainda assim, caiu, esmagando algumas túlipas precoces. A ladra saltou da janela como uma rolha e desatou a correr pelo relvado.

Se não estivesse com dores no ombro, Eve até a podia deixar ir. Agarrou-a com um puxão que as lançou a voar juntas para cima de um canteiro de amores-perfeitos amarelos cor do Sol.

— Tira a merda das patas de cima de mim, senão mato-te.

Por instantes, Eve pensou tratar-se de uma possibilidade. A mulher tinha mais uns dez quilos que ela. Para se certificar de que não acontecia, espetou o cotovelo na traqueia da mulher e agarrou no distintivo.

— Foste caçada.

Os olhos negros da mulher reviraram, contrariados. — Que raio anda

aqui a fazer uma bófia da cidade? Não sabes onde fica Manhattan, estúpida de merda?

— Devo ter-me perdido. — Eve manteve o cotovelo imóvel, exercendo ainda mais pressão, para seu próprio gáudio, enquanto agarrava no comunicador e chamava o carro-patrolha mais próximo.